

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Nilo Henrique Siqueira

A perda dos campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo: O caso da Cohab Raposo Tavares.

São Paulo

2018

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Nilo Henrique Siqueira

A perda dos campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo:
O caso da Cohab Raposo Tavares.

Trabalho de Graduação Individual
Apresentado ao curso de
Geografia da FFLCH-USP,
como requisito para a obtenção
do título de bacharel, sob
orientação da Professora Doutora
Lea Francesconi;

São Paulo

2018

Dedicatória

Agradeço aos meus pais por propiciarem as condições para que eu pudesse sempre continuar os estudos sem maiores preocupações.

Agradeço ao Professor Doutor Fabio Contel pelas contribuições no início do trabalho.

Agradeço a Professora Doutora Lea Francesconi por toda a paciência, disposição e por toda a ajuda na construção do trabalho. Não sei como seria possível terminá-lo sem essa contribuição.

Agradeço aos camaradas Thiago Lana, Wellington Fernandes, Felipe Passos, Jhonny Torres pelas conversas e amadurecimento durante o curso.

Agradeço ao Ricardo e ao Flavinho por terem me chamado pela primeira vez para jogar bola no campinho da rua de traz, quando tínhamos 7 anos.

Agradeço a todos os varzeanos, por fazerem das tão esperadas manhãs de domingo um dos momentos mais felizes da semana.

“Não faço poesia, jogo futebol de várzea no papel.” (Sérgio Vaz)

“Algumas pessoas acreditam que futebol é questão de vida ou morte. Fico muito decepcionado com essa atitude. Eu posso assegurar que futebol é muito, muito mais importante.” (William Shankly, ex-treinador de futebol na Inglaterra)

Resumo

Nosso trabalho de conclusão de curso tem como tema “A perda dos campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo: O caso da COHAB Raposo Tavares.” Inicialmente traçamos um panorama sobre o futebol de várzea, suas características e peculiaridades, para em seguida comentar um pouco do seu histórico na cidade de São Paulo. A partir de então, com o nosso recorte espacial, aprofundamos a pesquisa no bairro COHAB Raposo Tavares, localizada na Zona Oeste da cidade, periferia da periferia, já nos limites com as cidades de Cotia e Osasco.

A definição do tema teve como influência o meu gosto pelo futebol e o fato de morar muito próximo da área destacada. No decorrer da pesquisa passamos por temas como: acesso ao lazer, cidadania dos moradores e transformações no espaço urbano. O foco sempre foi pensar nas causas destas transformações e como elas impactam os moradores do bairro em questão e arredores.

Palavras-chave: Futebol, várzea, espaço, cidade, lazer.

Abstract

Our work on the conclusion of the course has as its theme “The loss of the varzea football fields in the city of São Paulo: The case of COHAB Raposo Tavares. Initially we draw a panorama about the soccer of varzea, its characteristics and peculiarities, to then comment a little of its history in the city of São Paulo. From then on, with our spatial clipping, we deepened our research in the neighborhood COHAB Raposo Tavares, located in the western zone of the city, periphery of the periphery, already in the limits with the cities of Cotia and Osasco.

The definition of the theme was influenced by my taste for football and the fact of living near the area highlighted. In the course of the research we went through themes such as: access to leisure, citizenship of the residents and

transformations in urban space. The focus has always been on the causes of these transformations and how they impact the residents of the neighborhood in question and surroundings.

Keywords: Football, varzea, space, city, leisure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
METODOLOGIA.....	DE
PESQUISA.....	11
1 – A Várzea.....	15
1.1 - Meus contatos pessoais com o futebol de várzea.....	15
1.2 - O futebol de várzea.....	18
1.3 - Riqueza e vida no futebol de várzea.....	24
1.4 - Os usos do espaço urbano e o surgimento do lazer.....	27
1.5 - A várzea em São Paulo.....	31
1.6 - Amor ao futebol.....	35
2 – A COHAB Raposo Tavares.....	39
2.1 - O bairro e o campo.....	40
2.2 - Gente, barro, tempo, sorte, morte...Aos olhos de uma criança...	44
2.3 - O funcionamento do campo e sua perda.....	53
3 – Um adversário poderoso.....	60
3.1 – A diminuição dos espaços livres na cidade.....	60
3.2 – O espaço da cidade com nova função no início do século.....	66

3.3 – A perda da cidadania.....	70
3.4 – Realização da anticidade.....	74
3.5 - Fragmentação e segregação espacial.....	75
3.6 – Mudança no ambiente do bairro.....	78
3.7 – Razão instrumental no espaço.....	81
3.8 – Transformações da economia e consequências no espaço da cidade.....	83
CONCLUSÃO.....	86
BIBLIOGRAFIA.....	88

INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é discutir a diminuição do que podemos chamar de “espaços livres” na cidade de São Paulo, utilizando para isso o caso do fechamento de um campo de futebol de várzea na Zona Oeste desta cidade. No bairro Cohab Raposo Tavares. Por “espaços livres” entendemos aqueles lugares abertos onde a população residente no local teria livre acesso, sem nenhum tipo de mediação com o institucional ou o privado, *“todos os espaços da cidade em que não há edificações, ou espaços abertos para o céu”*(GUZZO, 1999, p. 22), ou seja, espaços dentro da cidade onde não existe nenhuma construção. Exemplos desses espaços podem ser os campos de futebol de várzea, as praças ou os terrenos baldios servindo como “campinhos”.

Devemos distinguir esses “espaços livres” dos “espaços públicos de lazer”, já que esses últimos são uma concessão governamental diante da necessidade crescente de atividades lúdicas, frente a um mundo do trabalho cada vez mais desgastante e estressante. Os espaços livres surgem de maneira espontânea nas cidades e os espaços públicos são artificialmente criados, o que confere a eles uma grande diferença qualitativa, no sentido de liberdade e existência de regras que organizam o uso do espaço. A participação do Estado ao estimular a existência de espaço públicos de lazer é extremamente positiva, ainda mais quando falamos da periferia da cidade de São Paulo, onde as opções de espaços de lazer são escassas. Porém, ressaltamos que o caso que será tratado aqui, do antigo campo, não era uma concessão governamental e sim um espaço aberto em que a própria população local tomou as providências e deu um uso para o espaço, por isso entendemos que a classificação como espaço livre seja mais adequada.

Ricardo Mendes Antas Júnior nos traz a diferença entre espaços públicos de lazer e espaços livres justamente com o foco na ação estatal. Quando ocorre uma intervenção do Estado para a disponibilização de áreas voltadas para uso da população, pode-se dizer que estas áreas se constituem em “espaços públicos de lazer”. Quando estas áreas são disponibilizadas espontaneamente, não ocorrendo ação estatal ou corporativa em sua

organização, pode-se dizer que se trata de um “espaço aberto” e sendo ele utilizado para o lazer de forma espontânea pela população, Antas Jr. utiliza o termo “espaço livre (de lazer)”; para o autor,

“O crescimento demográfico, a expansão da mancha urbana e a diminuição da oferta de espaços livres, abertos (como as várzeas), a intensificação da divisão técnica do trabalho e a divisão territorial intra urbana do trabalho, são fatores importantes na pressão por criação de espaços públicos de lazer”. (ANTAS JR, 1995, p. 78).

Paulo César Gomes da Costa nos traz também uma grande contribuição, que consideramos de suma importância para o desenvolvimento do trabalho. Ele não cita as expressões espaços públicos de lazer e espaços livres e fala em espaço público, como um local de política, do inter-relacionamento entre os indivíduos (democracia), *“é o terreno permanente de tensão entre as diferenças e a possibilidade da vida em comum.”* (COSTA, 2012, p. 30)

Partindo destas definições básicas, propomos nesta monografia entender a evolução recente dos “campos de futebol de várzea” no município de São Paulo, pensar esse recuo na quantidade dos campos, sendo aqui estudado um caso de campo que se situa na periferia da cidade de São Paulo, o antigo campo da Cohab Raposo Tavares. Esses espaços são em grande parte “vazios urbanos” deixados pelo processo de expansão física da cidade. Estes campos de várzea se enquadram no que Ricardo Mendes chama de “espaços livres” e ao mesmo tempo são “espaços públicos”, se pensarmos na proposta de definição de Paulo César Gomes da Costa (pois permitem esse convívio democrático que o autor menciona em sua definição). Portanto, trataremos os espaços livres através destas duas principais características: 1. a espontaneidade no uso por parte da população (ou seja, sem a interferência do Estado e de corporações); e 2. pelo atributo de ser aberto, livre, espaço da democracia, como nos indica Paulo César Gomes. Me pareceu que estes dois autores tratam do mesmo objeto, só que com enfoques diferentes, a partir de

lentes diferentes. Com suas diferenças e abrangências as duas propostas acima colaboram com nosso tema.

Para empreender esta pesquisa, portanto, elegemos o conceito de espaço geográfico como pano de fundo, e mais especificamente as transformações neste espaço como base de nossos estudos. Concomitantemente à esta discussão de cunho mais conceitual, realizamos uma espécie de retrospectiva histórica da realização de atividades de caráter lúdico na cidade de São Paulo, uma retrospectiva bem breve, como forma de operacionalizar a discussão a respeito dos “espaços livres” na metrópole. Nesta retrospectiva utilizamos os escritos de Odette Seabra sobre o uso que era feito das várzeas do Rio Tietê com um caráter lúdico. Foi também de fundamental importância para a pesquisa entender a importância dos espaços livres, identificar como se formaram e os processos sociais que culminaram com a diminuição de sua ocorrência na cidade de São Paulo.

Dessa forma no primeiro capítulo, intitulado “A várzea”, tratamos de algumas características do futebol de várzea e como seus praticantes e moradores próximos aos campos se relacionam com ele. Neste capítulo incluímos através de Odette Seabra o início desta atividade na cidade de São Paulo. Ele tem este título por ser a forma como os jogadores e todo o público participante se referem a essa prática, do futebol amador nos finais de semana, que ocorre hoje principalmente nas periferias das grandes cidades. O segundo capítulo é intitulado “A Cohab” e a ideia foi se aprofundar nas questões diretamente relacionadas ao bairro e ao campo aqui tratado e discutir as conversas e informações conseguidas junto as pessoas envolvidas com o campo. No terceiro e último capítulo, intitulado “A perda”, trouxemos contribuições de vários autores sobre as transformações espaciais que tem ocorrido nas últimas décadas nas grandes cidades e relacionamos ao que foi percebido no nosso bairro aqui pesquisado.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Como objetivo geral nesse estudo a ideia foi discutir as mudanças ocorridas na ocupação destes espaços públicos e suas implicações na sociedade, questionando a função puramente econômica (reprodução do capital) a que tem se destinado o espaço, ou seja, a vida das pessoas parece estar em segundo plano. Nosso objetivo específico nesse estudo é analisar os impactos que a diminuição dos espaços para a prática do futebol de várzea na cidade de São Paulo tem na vida cotidiana da população, sempre tendo em vista nosso caso, em Cohab Raposo. Outro objetivo mais específico foi captar perante a população como eles observam e sentem a perda dos campos de várzea como opção de lazer.

Quando pensamos em discutir o espaço geográfico não estamos nos referindo ao seu aspecto físico puramente, mas sim aos aspectos históricos e sociais que também fazem parte de sua constituição, ou seja, os processos sociais que ocorrem nos lugares e acabam por dar significado e definir a funcionalidade deles. Estudar determinado fenômeno a partir de um viés geográfico (ou espacial) se constitui numa forma de entender os processos que ali ocorrem. Dessa forma não pretendemos apenas eleger os espaços livres (campos de futebol várzea) como objeto de estudo, mas também discutir as circunstâncias nas alterações de uso desses espaços, a mudança de sentido ou o fim desses espaços. Nossa preocupação principal seria, portanto, discutir a diminuição desses espaços, partindo do pressuposto de que realmente esses espaços são cada vez mais raros em regiões metropolitanas.

Esperamos que nossa proposta a partir do recorte explicitado possa contribuir em algum aspecto para o aprofundamento do debate geográfico sobre uso e ocupação do solo urbano, no sentido de compreender os objetos e ações que o compõem. Além disso, a pesquisa que sugerimos aqui pode servir como um aporte teórico para os moradores dos locais onde ocorrem tais mudanças no espaço, com o intuito de ajudá-los a compreender o fenômeno e ser posto a disposição para possíveis ações reivindicatórias.

Para empreendermos a pesquisa, utilizamos principalmente três procedimentos metodológicos, quais sejam:

1. Pesquisa bibliográfica

Dispomos de alguns autores que nos dão um panorama da situação aqui discutida. Primeiramente trataremos o espaço como objeto da geografia e para isso nos remeteremos principalmente ao geógrafo Milton Santos. Por fim, nessa fase de revisão bibliográfica, utilizamos autores que tratam dos temas do “lazer” e do “tempo livre”, para finalmente especificarmos na nossa discussão autores que tratem o tema do “futebol de várzea”, assim como os espaços para sua prática, as transformações no espaço, qual o sentido delas e a que interesses atendem.

2. Pesquisa documental

A pesquisa documental se faz indispensável no sentido de proporcionar uma base sólida para a pesquisa. Nossa primeira preocupação foi encontrar órgãos públicos, imobiliárias e subprefeitura que produzam estatísticas sobre atividades de lazer no município, incluindo aí atividades relacionadas à prática do “futebol de várzea”. Não obtivemos os resultados esperados nessas tentativas. Duas imobiliárias consultadas disseram não possuir estatísticas sobre espaços de lazer. A subprefeitura do Butantã foi bem solícita no atendimento, porém também não havia um levantamento específico em relação aos campos “não oficiais”. Pelas respostas recebidas, percebi que existe um certo esforço na criação e manutenção de alguns espaços pela prefeitura, no entanto, a maior parte dos campos que estão sendo perdidos não são nem reconhecidos, aparecem oficialmente como áreas livres. Detalharei esta discussão no desenvolvimento do trabalho.

Outra fonte da pesquisa documental foram os jornais na internet, pois estes costumam dar algum destaque para o futebol de várzea em São Paulo, e disto deriva sua importância para a pesquisa. A ideia foi procurar publicações

que falassem do uso dos campos pela população e da ameaça de perda de alguns campos. Ainda em relação à pesquisa documental, foram também buscadas fotos e imagens com maior recuo histórico, que permitam a comparação da situação antiga e atual em nosso bairro, se constituindo num meio bem didático de entender a evolução da ocorrência do fenômeno em foco. Além das fotos do campo propriamente ditos, foram também analisadas imagens de satélite e fotos aéreas dos casos em questão, e como aos poucos esses terrenos “vazios”, locais que proporcionavam uma prática espontânea para a população residente no entorno, vão se perdendo.

3. Trabalhos de campo

Como forma de nos aproximar da realidade aqui discutida, as visitas a inúmeros campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo foram essenciais. Nestas visitas, um dos procedimentos principais foi a produção de material iconográfico (fotos atuais), mas também a busca de fotos e imagens antigas com os moradores, no caso de não existência mais do campo de futebol. Outro procedimento importante foi o contato com as populações locais em conversas informais e formais (entrevistas) para entender qual a importância desses espaços livres para a vivência de todos ali no bairro e como eles entendem esta perda dos espaços passíveis de serem utilizados pela população local. As conversas formais (entrevistas) se deram especificamente em relação a Cohab Raposo Tavares. As informais ocorriam quando ao visitar os diversos campos e comentar sobre a variação na quantidade deles, sempre ouvia relatos de campos próximos daquelas localidades que deixaram de existir. Essas áreas não eram escolhidas previamente. Eu seguia os campos que nosso time visitava para realizar os jogos. Também não havia um roteiro detalhado a seguir, simplesmente levantava a questão com algum jogador ou diretor do time da casa presentes no campo e explicava brevemente o meu trabalho. Nunca pensei em levar uma pergunta mais direta ou coisa do tipo, apenas deixava a conversa desenrolar naturalmente e ver o que acontecia. Todas as vezes as pessoas mostraram grande interesse e disposição em falar.

Em relação à maneira de trabalhar, além de todo o arcabouço teórico que foi montado a partir da revisão bibliográfica realizada, foi de fundamental importância a orientação dos professores do Departamento de Geografia. Várias das disciplinas do curso de geografia tratam diretamente dessa temática urbana e econômica. Entre elas: Fundamentos econômicos, sociais e políticos da Geografia, Urbana I e II, Geografia Econômica. Outras disciplinas perpassam em algum momento essa temática, contribuindo com nosso trabalho.

Os trabalhos de campo em áreas selecionadas também tiveram grande contribuição. Além das constantes visitas na COHAB Raposo Tavares, visitamos algumas vezes o bairro João XXIII e uma vez o CDHU Munck, que também passaram pelo processo aqui estudado. Nessas ocasiões foram feitas conversas com as populações locais, onde o processo de diminuição das áreas de futebol de várzea ocorreu e vem ocorrendo.

1 – A VÁRZEA

“Jogai por nós”. (Frase utilizada pela torcida do Corinthians se referindo ao time)

1.1 - MEUS CONTATOS PESSOAIS COM O FUTEBOL DE VÁRZEA.

Minha relação com o futebol começa aos oito anos de idade. Era a opção principal de diversão com os amigos, e isso se dava na rua, já que nosso bairro na época tinha um tráfego de carros muito pequeno, acredito que por ser muito distante do centro e ainda não ser asfaltado. O bairro é o Santa Maria em Osasco, vizinho da Cohab Raposo em São Paulo. Isso era o ano de 1996, o asfalto só chegou em 2003. Nossas peladas também se realizavam nos terrenos baldios, que eram muitos e então improvisávamos pequenos campinhos. Praticamente todas as ruas tinham um campinho e existia rivalidade entre os times de cada rua, quando da realização dos chamados “contras”, que era a disputa entre estes times. Aos poucos os campinhos foram acabando, todo o espaço passou a ser utilizado como moradia pela população. Aqueles vazios espaciais dentro do bairro praticamente não existem mais. As motivações podem ser o crescimento da mancha urbana e a valorização imobiliária. Mas a preocupação agora não é ainda se aprofundar nestas explicações e sim trazer a nossa sensibilização para o tema.

Em relação aos campos oficiais de várzea meus primeiros contatos foram aos onze anos em escolinhas de futebol. A partir de então comecei a observar, sem nenhum compromisso, os times de adultos que jogavam aos domingos. É aí que entra o campo de várzea de minha pesquisa.

O campo do COHAB Munck, um bairro vizinho ao nosso, fica no limite do município de São Paulo com Osasco. Passei praticamente o ano de 2001 inteiro, indo todos os domingos acompanhar e torcer por um time de adultos do meu bairro. O campo deixou de existir para dar lugar a condomínios residenciais. Era a única opção de lazer gratuito no bairro. Além do futebol, o campo servia como um espaço aberto para diversas atividades para as pessoas do bairro: caminhadas, corridas, bicicleta, pipas. Esse caso da COHAB Munck daria mais uma pesquisa aprofundada, mas ele não ainda o

nosso objeto de estudo, mas sim um caso bem próximo espacialmente ao nosso recorte. Não foi nossa intenção tratá-lo apenas como acessório e esperamos que não tenhamos feito isso, já que pela importância da transformação naquele bairro acreditamos que valha uma pesquisa inteira e não ser apenas citado como exemplo. A decisão de comentá-lo e incluí-lo como exemplo no trabalho, se deu não só pela proximidade espacial em relação a nosso caso central, mas muito também pela semelhança com a hipótese aqui levantada, de diminuição dos espaços livres de lazer.

O campo que de fato elegemos como objeto central no nosso estudo fica localizado na COHAB Raposo Tavares, um bairro vizinho, também no limite entre São Paulo e Osasco. Neste campo além das partidas que ia assistir dos adultos, cheguei a jogar algumas vezes. Meu ensino fundamental inteiro foi numa EMEF (escola municipal de ensino fundamental), que ficava no máximo a 100 metros do campo, então era comum a gente ir simplesmente brincar naquele espaço livre, depois das aulas, ou nas muitas vezes que éramos dispensados antes do horário por falta de professor. Uma das minhas memórias sobre o bairro era de passar aos domingos e ver o campo cheio e cercado de carros e ônibus. O campo durou até 2006, tendo fim assim o maior e até então talvez único espaço de lazer aberto do bairro. Muitos times acabaram e os que tentaram permanecer tiveram que ir disputar espaço e horário em outros bairros e seus respectivos times locais.



(Distrito Raposo Tavares, dentro da cidade de São Paulo)

O mapa (sem escala) acima ilustra a localização do Distrito Raposo Tavares dentro do município de São Paulo. Ele é um dos distritos da subprefeitura do Butantã. Dentro deste distrito estão além da COHAB Raposo bairros como o João XXIII, Educandário e CDHU MUNCK. Notamos dessa forma o caráter da COHAB, de ser um bairro na extremidade oeste da cidade, já no limite com outras cidades da região metropolitana.

No meu bairro, o Santa Maria, já na cidade de Osasco mas ainda na divisa com a COHAB Raposo e portanto do município São Paulo, temos um campo há mais ou menos 15 anos. Alguns times da Cohab passaram a jogar aqui. O terreno é da prefeitura e juntamente com um pequeno parque muito pouco frequentado, são os únicos espaços livres de lazer do bairro. É também um espaço de encontro, única forma de muitas pessoas que ali moram se confraternizarem. Isso se perdeu nos dois exemplos que comentamos acima.

Hoje juntamente com alguns amigos montamos um time de futebol de várzea. E todos os domingos estamos jogando em algum campo aqui da zona

oeste da grande São Paulo. Ainda não conseguimos um horário fixo aqui no bairro, já que montamos o time a pouco tempo. Mas o fato é que gostamos de circular e visitar um novo campo a cada domingo. É uma forma também de conhecer os bairros na cidade.

Mais que a prática do futebol a intenção é manter os amigos por perto.

1.2 - O FUTEBOL DE VÁRZEA.

O termo futebol de várzea surge pelo fato de essa atividade ter início nas margens dos rios Tietê e Pinheiros, em áreas de várzea, que ficam alagadiças ou inundadas em épocas de chuvas. Hoje o termo se refere também ao futebol amador, em que os jogadores são trabalhadores durante a semana e se encontram aos finais de semana para jogar. Geralmente os campos são os famosos “terrões”(sem grama) e ficam cheios de lama quando chove, e apesar disso poucas vezes as partidas são adiadas, até porque eles só tem um dia para aquela atividade tão esperada durante a semana toda, então a maioria opta por jogar mesmo em nem tão boas condições ao invés de não jogar. E essa precariedade também está presente nos uniformes, bolas, redes, vestiários e juízes improvisados. Por poucas vezes as partidas são adiadas, em casos de dias seguidos de chuva forte, para que não estrague o campo para os próximos finais de semana.

Quando os jogos são de campeonato os juízes são “de verdade”, que fizeram o curso de arbitragem e tudo o mais. Nos amistosos, que são a grande maioria em quantidade de jogos, cada time paga 10 ou 15 reais (as vezes de graça, as vezes outros valores, mas esses aí são os mais comuns) para alguém presente no campo fazer um ‘bico’ como árbitro. Essa atividade serve para algumas pessoas como um complemento ou única renda em certos períodos, dada a situação de pobreza e desemprego. Torna-se um sub-emprego. É bem comum também que o juiz seja integrante de alguma equipe. Um jogador de cada equipe apita a metade do tempo, eles “perdem” uma parte do jogo para ajudar os companheiros na arbitragem.

Dentro da várzea existem várias realidades. Pude perceber isso nas conversas que tive em visitas aos bairros. Times formados por grupos de amigos que jogam sem nenhuma responsabilidade, totalmente despreocupados com eficiência ou resultados. Segundo eles, não que as vitórias não interessam, mas não é a coisa primordial buscada por eles, e sim a amizade, o encontro e descontração. Até times que pagam desde 30 a 150 reais por partida para alguns jogadores, ou para todos os jogadores que compõem a equipe em campeonatos mais acirrados. Luciano, presidente do Toca FC, uma das pessoas com quem conversei para entender esse universo, me disse que paga 50 reais por jogo para um zagueiro e um goleiro, posições que ele considera “as mais importantes por darem estabilidade a qualquer time”. Disse também que é comum jogadores profissionais de divisões inferiores ou clubes menores reforçarem equipes da várzea, para manter a forma e ganhar “uma moeda”, nas palavras dele. Luciano me disse que a partir daí existe uma cobrança pesada com estes jogadores, por parte da torcida (composta por familiares, amigos e pessoas do bairro onde a equipe tem sede), dos companheiros de time que não recebem, e mesmo que não verbalizem essa cobrança, está subentendido no olhar de todos que aqueles que recebem precisam render muito mais que os outros, precisam “fazer por eles”.

Nesse relato acima vemos uma várzea diferente do que é normalmente pensado, como puro lazer, despreocupado, até com certo romantismo. Ouvi de alguns jogadores que eles preferem não jogar por dinheiro, porque mesmo esse dinheiro podendo ajuda-los bastante, eles preferem não conviver com a cobrança que o pagamento acarreta. Segundo eles, alguns times têm pequenos patrocínios, recebendo ajuda do pequeno comércio local, de vereadores, que doam uniformes em troca de apoio e propaganda nas eleições, ajuda de traficantes que são simpatizantes e as vezes integrantes de alguns times. No modelo de patrocínio mesmo. Alguns comerciantes preferem não negar o pedido de ajuda por parte de varzeanos, outros se sentem mais protegidos ao ajudarem um time que conheça todas as entranhas e contatos do bairro.

Não sei até onde podemos pensar que o amadorismo recebe influências (ou o quanto se mesclam) do profissionalismo nessas situações, apenas que se trata de uma várzea um pouco menos 'romântica' do que a que eu tinha pensado, e fui descobrindo no decorrer da pesquisa traços de competitividade, as vezes nas alturas, cobrança por produtividade dos atletas e diretorias, dinheiro permeando muitas das relações, salários para jogadores, busca por prêmios (lucro, remuneração?) para os primeiros colocados em campeonatos. Numa conversa com Paulão, organizador do campeonato do SENO (Sociedade Esportiva Novo Osasco) time tradicional da várzea em Osasco, descobri que a taxa para participar do campeonato era de 1200 reais, mais 100 reais por jogo de cada time para pagar a arbitragem contratada da Federação Paulista de Futebol. A premiação para a equipe campeã é de 10 mil reais, 5 mil para o vice e 2 mil para o terceiro colocado. Várias das equipes participantes fazem verdadeiros investimentos para chegar ao prêmio, contratando jogadores. Algumas destas equipes alugam campo e realizam sessões de treinos durante a semana. Paulão fez uma estimativa de quantos jogadores ex-profissionais participam de seu campeonato. Com aproximadamente 400 jogadores inscritos no total (16 equipes cada uma com 25 atletas inscritos cada equipe), ele sugere que pelo menos 10% disso já atuou como "jogador de verdade" nas palavras dele.



(Cartaz ilustrando os campeonatos caros e suas premiações)

Completando os relatos acima, é muito comum ex-jogadores, ou ainda atletas que chegaram apenas as categorias de juniores em grandes equipes e não conseguiram se profissionalizar serem disputados pelas equipes. Estes se destacam na várzea, pois tiveram uma boa preparação no decorrer de seus anos de treinos. Há relatos de prêmios para que estes jogadores assinem contratos por um curto período de tempo ou para algum campeonato em específico.

Outra coisa importante percebida na conversa é o fato de a várzea não ser mais um celeiro de craques para o futebol profissional, como ainda era há 2 ou 3 décadas atrás. Hoje a formação de jogadores fica por conta das categorias de base dos clubes profissionais, onde poucos jovens têm oportunidade, se pensarmos na quantidade dos interessados. Antes, era comum que o menino a partir de uns 14 anos que se destacasse no futebol no

bairro já integrasse uma equipe de adultos, e dali fosse “aparecendo” até chegar a uma equipe profissional. Hoje os campeonatos de várzea não costumam aceitar menores de 18 anos e mesmo nos amistosos os times não gostam de jogar contra jogadores muito jovens, pois tem receio de machucá-los.

Quando eu comentava com as pessoas ao meu redor, desde parentes, amigos em diversas ocasiões, sobre o meu tema de pesquisa, muitos diziam que o futebol de várzea era uma coisa do passado, como se ele não mais fosse vivo. Na periferia ele é. Havia um desconhecimento por parte de alguns, já que o centro da cidade, ou as áreas de ocupação mais antigas ou onde se concentram os serviços e empregos, não mais dispunhas de áreas livres. E no geral, quando não diziam que esta prática já havia acabado, diziam que está acabando, pelo sumiço dos campos. Pareceu-me que isso vinha de uma constatação espontânea mesmo. A TV, que costuma dar um selo de autoridade para todas as coisas numa cultura de massa, não fala muito sobre o assunto. Aliás, eu nunca vi. Podia ao menos transmitir um ou outro jogo, as finais de algum campeonato, por exemplo. Não me arrisco a afirmar que essa constatação é senso comum. Talvez essa realidade, o sumiço dos campos, seu desaparecimento, seja tão patente que já virou algo de fácil constatação no conhecimento de todos, antes mesmo de precisar qualquer contagem ou estudo científico para comprovar como fato. Os filósofos Kant e Descartes já nos alertaram sobre como os sentidos e a aparência podem ser enganosos para explicar os processos. Por isso necessitamos de muito rigor na análise para sair afirmando as coisas. Mas o fato é que as pessoas comuns no geral têm essa conclusão, que o futebol de várzea acabou ou está acabando, com base no que elas percebem ao observar as mudanças no espaço.

Isso pode indicar também o quão vulnerável estão estes espaços e o quão rápido eles somem. Senti uma certa resignação na fala das pessoas, pois todos falavam em tom de lamento pela diminuição dos campos, e ao mesmo tempo de aceitação, não visualizavam como essa situação poderia se desenrolar de maneira diferente. Já que como afirma Schifnagel;

“São Paulo, hoje uma gigantesca metrópole, vivendo um permanente processo de valorização imobiliária, já não pode se dar ao luxo de manter áreas verdes ou de lazer, cujos espaços vazios vão sendo preenchidos por indústrias, comércio, condomínios, etc... enfim, estes espaços vão se transformando em espaços úteis.” (p. 110, 1980)

Seguindo a autora, esse preenchimento do espaço, que aconteceu no centro há algumas décadas atrás, teria alcançado depois a periferia.

Mais adiante a autora afirma;

“Os meios de comunicação e a ausência de trabalhos científicos sobre o assunto, tem criado certas ideias comuns sobre a manipulação por políticos ou governo, que resultaria em alienação do povo que torce para seus times e joga nos fins de semana, na medida em que está atividade não traz novos conhecimentos a esta população, nem contribui para elevação do padrão de vida (ao contrário, gasta-se muito dinheiro com o futebol, tudo isso além da intensa propaganda que cerca o futebol profissional). ” (p.110, 1980)

A autora na época em que escreveu afirmou não existir trabalhos acadêmicos sobre futebol de várzea. Pouco mais de 30 anos se passaram e já temos algumas pessoas interessadas em pesquisar o tema, sendo que alguns destes trabalhos foram tratados aqui. Mas creio que ainda é muito pouco dado a quantidade de pessoas e importância desta prática, principalmente na periferia das grandes cidades.

Confesso que uma das coisas que mais me causou inquietação ao realizar essa pesquisa foi esse tratamento que uma análise que se pretende crítica tem sobre o futebol. Meu objeto central nem era o esporte em si, mas o espaço para a sua prática. Como amante do esporte, fiquei incomodado algumas vezes. Schifnagel argumenta mais a frente em seu estudo, que o futebol deve ser visto de outras maneiras, como manifestação cultural de um povo, como política já que reúne as pessoas para a discussão. Paulo Cesar Gomes da costa, autor bastante utilizado aqui, insistirá nesse argumento. O futebol pode ser uma manifestação de rebeldia frente ao mundo do trabalho, mas deve também ser entendido como direito do cidadão ao lazer. Ele reproduz na sua prática muitas características do mundo moderno, como competição, tempo controlado, regras. Mas, se ele é alienação, todas as outras atividades dentro da modernidade também não seriam? Tudo que já foi

instrumentalizado pelo sistema econômico, mesmo a academia? Qual o limite para isso?

Não me atrevo a responder estas perguntas, apenas quero tentar ajudar a pensar um pouco sobre o que eu considere um preconceito contra o futebol, contra seus fãs e praticantes. Talvez seja algo insignificante dado a quantidade de pessoas que pensam assim, mas de qualquer forma é um pensamento presente, e como disse acima, um julgamento que se pretende crítico, que apesar de verem meu tema como legal, interessante, o consideravam um tema menor, não tão sério, por ser futebol. Senti-me até um tanto corajoso, desafiando isso. E como tenho tentado argumentar, o tema envolve a realidade de muitas pessoas, alguns milhares com certeza, mesmo pensando no pequeno recorte com o bairro selecionado.

1.3 – RIQUEZA E VIDA DO FUTEBOL DE VÁRZEA.

Meu recorte de estudo é um pequeno espaço dentro da grande cidade e uma pequena parte do imenso universo do futebol de várzea nesta cidade. Para este aprendiz de geógrafo parece que a diminuição dos espaços de jogo faz com que toda uma rede de sociabilidade, envolvendo muitos milhares de pessoas, passe a correr risco. E trata-se de uma sociabilidade muito rica, a forma como muitos se relacionam com a vida urbana e se identificam com seu lugar, seja ele a cidade ou o bairro. Nas linhas seguintes tentarei mostrar um pouco das particularidades deste universo.

O campo muda o movimento do bairro, muda o movimento nos bares, geralmente bares muito simples, ou melhor botecos, os botecos de verdade, não os que já foram gourmetizados no centro da cidade. Bares estes que de tão simples não tem nome e são chamados pelo nome do seu dono. Como o bar do João em um dos bairros aqui estudados.

Na várzea, geralmente, só as pontas dos campos são gramados. Pelo fato de serem os lugares menos ocupados pelos jogadores, já que eles se concentram na maior parte do tempo nas áreas próximas ao gol ou no meio de

campo, sobra esta oportunidade para que a grama cresça naturalmente sem ser incomodada. Ou melhor, grama não, “mato”, capim. Essa é uma imagem típica dos campos de várzea, a grama só nas pontas. Os vestiários na maioria das vezes são bem pequenos, onde os jogadores antes de iniciar as disputas com os adversários dentro de campo, disputam posições com os colegas de time para vestir o uniforme. Uns esperam do lado de fora para que os de dentro troquem de roupa. Todos se apertam lá dentro na hora da preleção e do típico pai nosso. Entrar em campo sem a oração é desconfortável, uma proteção a mais só fará bem.

O futebol de várzea é como se possuísse uma ética, uma maneira singular de se portar para os seus participantes, uma maneira de falar, se vestir, de reagir a uma jocosidade, de reagir num conflito, ou não reagir. Uma forma de participar das piadas, que são muitas vezes machistas. Parece existir um código de amizade, de lealdade. Parece também existir uma necessidade de virilidade e dureza para ser parte da várzea. Ao cometer uma falta dura no adversário nada de ficar se desculando muito não, é do jogo e pronto, “pouca ideia”, “não vem reclamar não, tem juiz, ele que apita, joga sua bolinha”. Não pode “pipocar”, ter medo, fugir do enfrentamento.

Mas também, a briga não é bem vista. Segundo os relatos ouvidos, no passado era bem pior, dá a impressão de que era menos organizado, menos “civilizado”, nas palavras de alguns. Hoje por exemplo, num dos campeonatos organizados pela prefeitura de São Paulo, se um jogador de certo time briga em campo, todo o time é eliminado, e este jogador é punido com 5 anos de suspensão deste campeonato. Já teve casos de torcedor brigar do lado de fora do campo e o time ser penalizado com eliminação. Regras como estas tornaram o ambiente mais ameno. Nos grupos de *whatsapp* onde os times marcam amistosos, depois de cada jogo é comum os times briguentos serem denunciados e os times “pacíficos” serem elogiados, segundo a gíria da várzea, “este time é só bola”. Nas palavras de LOPO;

“No futebol de várzea, além de um ethos que permeia a ação dos indivíduos, há uma estética que também funda esta estética. A postura de estar na rua é algo já analisado por alguns autores, que apontam estes lugares de sociabilidade como próprios da sociabilidade masculina. Na várzea, além do próprio campo, há bares ao redor, as sedes dos clubes, onde

estes homens se encontram para conversar e reforçar estes laços de sociabilidade.” (p. 49, LOPO, 2008)

Mais adiante o autor exemplificará uma comparação feita pelos participantes da várzea, que é entre o jogador de rua e o de condomínio. De acordo com conversas informais num dos muitos domingos na beira do campo, a postura deles dentro de campo é muito diferente, a personalidade diante de situações críticas. Esses exemplos ilustram um pouco das singularidades deste universo. Não é apenas um jogo ou apenas um espaço, mas sim uma ampla gama de complexas relações que são estabelecidas. Universo este ameaçado perante a tendência de diminuição para estes espaços de jogo.

Outra característica marcante do futebol de várzea é a execução do poder dentro dos times. Percebemos uma fuga daquela hierarquização rígida normalmente presente em nossa sociedade, principalmente em situações envolvendo dinheiro ou trabalho. Na várzea as “diretorias”, compostas muitas vezes por próprios jogadores e simpatizantes dos times, normalmente não centralizam o poder em si, em boa parte dos times as decisões são tomadas coletivamente. Os jogadores normalmente participam das decisões, tem voz ativa, aliás, em muitos casos o time é deles próprios. Existe aí uma maior isonomia nas relações de poder. Mas como disse anteriormente, existem muitas diferenças internas na várzea, e muitos times tem diretorias com maior autoridade, onde os jogadores precisam ser obedientes, mas também a diretoria é cobrada para conseguir boas relações, patrocínios, jogos em campos bons, novos uniformes a cada ano, bancar o churrasco e a cerveja, além de demais conquistas para os times.

Em 2013, o site UOL fez um levantamento dos campos de várzea reconhecidos como oficiais pela prefeitura de São Paulo. Estes campos são enquadrados nas seguintes categorias: Clubes da Comunidade, Clubes Escolas e Parques Públicos. O número total foi 300 campos na cidade. A prefeitura reconhecia que mais 200 campos estavam em processo de reconhecimento, e na seção de comentários do site os leitores reclamavam a falta de vários campos na lista, principalmente campos nos extremos da cidade. Isso nos dá pistas de que a várzea é realmente um universo pouco

explorado, com muitos campos conhecidos apenas pelos moradores que estão próximos, ou times e jogadores que circulam bastante por esses ambientes.

O levantamento nos trazia os seguintes números: 4 campos no centro, 53 na zona norte, 91 na sul, 122 na leste e 28 na oeste. Esses dados indicam que o centro tem poucos espaços disponíveis, já que pela importância econômica a área construída é bem grande. Indicam também que a várzea está mesmo na periferia. A região oeste, dos nossos campos, está à frente apenas do centro, o que torna ainda mais dramática a perda deles.

1.4 - OS USOS DO ESPAÇO URBANO E O SURGIMENTO DO LAZER.

Milton Santos nos propõe um conceito de espaço geográfico que nos parece adequado para este trabalho. Para o autor, pode-se considerar o espaço um sistema de objetos e um sistema de ações travando uma gama de relações, com toda uma dinâmica e inter-relações entre si; *“(...) Ações que determinam a criação de objetos e objetos que condicionam novas ações.”* (SANTOS, 1994)

Partindo desta definição mais geral, podemos ainda trabalhar com a ideia de “lazer” no período histórico atual está dentro de uma lógica de entendimento deste “sistema de ações”, pensando na subordinação do trabalho e da sociedade ao capital, dessa forma não se pretende romantizá-los, já que como afirma Ricardo Mendes,

“(...) esta secção do tempo cotidiano dos trabalhadores está aqui sendo tratada: como concessão e criação do próprio modo de produção capitalista, pois o tempo livre é também o tempo complementar. Ele tornou-se momento ilustre do consumo, da reposição de energias e de resistência à fadiga latente que as atividades extremamente fragmentadas impõem aos indivíduos.” (ANTAS JR, 1995, p. 63)

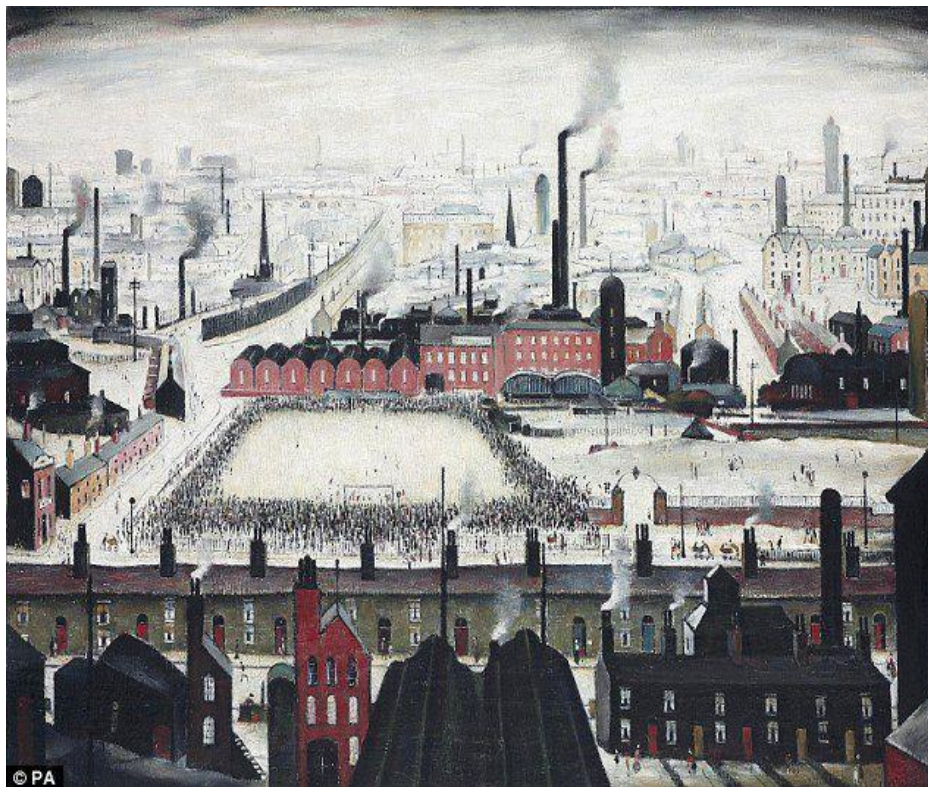
O indivíduo que sente estas necessidades está dentro do mundo moderno, onde o seu tempo diário é fragmentado, existindo juntamente uma divisão espacial para as suas atividades. O homem tradicional tinha o lúdico acompanhando de suas realizações econômicas e sociais, existia uma simultaneidade, a modernidade traz a separação. A industrialização, urbanização e o mercado de trabalho passam a impor princípios como sistematização, regulamentação ligados a vida social moderna e, portanto necessários a reprodução do capital. O jogo passa a aparecer como esporte e atletismo com aspecto de seriedade, não mais como aspecto lúdico natural do ser humano baseado na liberdade. *“o espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação.”* (HUIZINGA, 1938, p219).

O "lazer", de acordo com Ricardo Mendes Antas Jr (1995), aparece em uma sociedade onde o tempo de trabalho está totalmente definido, sendo o lazer parte do tempo livre do cotidiano dos indivíduos. Seria o momento onde o indivíduo recarrega suas energias para a próxima jornada e onde se liberta um pouco do *stress* gerado por suas atividades repetitivas do trabalho. Ao mesmo tempo, o lazer disciplinariza o indivíduo de acordo com as relações sociais vigentes e dominantes. Da mesma forma que seria uma necessidade humana frente às exigências do trabalho, um escape a tensão, estaria totalmente adequado ao modo capitalista, um regulador social.

Para Dumazedier, o lazer está totalmente ligado a lógica das sociedades industriais, sendo que antes disso o lazer não existiria, considerando que as festas e os jogos nos períodos anteriores ao capitalismo industrial estavam mesclados ao trabalho. Seria impossível pensar no lazer antes da modernidade, já que

“A ociosidade dos nobres estava sempre ligada aos mais altos valores de civilização, mesmo quando na realidade ela era marcada pela mediocridade ou pela baixeza. Entretanto, o conceito de lazer não convém para designar as atividades destas castas ociosas. O lazer não é a ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho.” (DUMAZEDIER, 1974, p. 28)

As duas pinturas a seguir do britânico Laurence Stephen Lowry, lustram bem esta situação, da cidade industrial e o momento do lazer e tempo livre.



(The football match, 1949)



(The football match, 1949)

Diretamente associada à questão do lazer está o debate sobre a “tecnologia”. É ela um dos principais fatores que possibilita um tempo livre do trabalho, porém esse fato não explica sozinho o porquê deste tempo ser ocupado por atividades de lazer. Dumazedier sugere que a diminuição do controle social pelas instituições básicas (família, igreja, partidos políticos) revela um pouco do aumento do tempo destinado ao lazer. Mas por que então este tempo seria ocupado com o lazer? Que atração ele exerce? Para o autor estamos falando de um tempo para si mesmo e não mais mediado por alguma instituição ou empresa,

“No lazer, os valores do individualismo devem ser igualmente reconsiderados num sentido oposto: jogos, viagens, relações afetivas ou estudos pessoais, ontem considerados por muitos como perda de tempo, uma diversão suspeita ou um atentado aos deveres familiares, sociais, tendem hoje, em certas condições ainda tênues e variáveis em cada situação, a se tornarem novas exigências da pessoa. Neste tempo prescrito pela nova norma social, nem a eficiência técnica, nem a utilidade social, nem o engajamento espiritual ou político constituem a finalidade do indivíduo, mas sim a realização e a expressão de si mesmo: tal é nossa hipótese central.” (DUMAZEDIER, 1974, p. 60)

Essas são algumas definições iniciais quer permitirão operacionalizar nosso estudo sobre os campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo. Vale lembrar que é na primeira metade do século XX que a cidade vai se soltando dos últimos resquícios de “cidade colonial”, com função comercial já integrada mundialmente no sistema industrial. A presença dos rios Tietê e Pinheiros com suas várzeas deixava um espaço “natural” para a realização das atividades de caráter lúdico. A várzea tinha diferentes tipos de uso até então: era principalmente o local de trabalho e meio de subsistência de toda uma população residente; mas seu uso incluía ainda a recreação e vivência das pessoas. Este é o contexto mais geral que nos autoriza a propor este trabalho, onde se discute a transformação espacial na cidade e a conseqüente supressão das várzeas como “espaços livres”, de usos espontâneos por parte da população.

1.5 – A VÁRZEA EM SÃO PAULO

Para tratar os espaços livres em São Paulo a partir de uma abordagem também empírica, nos remetemos inicialmente ao chamado “futebol de várzea” na cidade. O significado original da expressão “várzea” seria o do entorno natural de algum corpo d’água, no nosso caso temos os dois principais rios da cidade (Tietê e Pinheiros). Odette Seabra (1987) nos mostra em sua tese de doutoramento que nas primeiras décadas do século XX os espaços da várzea tinham certos usos em relação ao trabalho realizado pelos habitantes da região; para a autora

“(...) eram as várzeas terrenos impróprios a implantações industriais e residenciais e, no entanto, próprios a extração de areia, ao estabelecimento de portos de areia, a extração de argila, logo ao estabelecimento de olarias. Foram também as várzeas um espaço de recreação de toda população paulistana por muito tempo. Nas várzeas instalaram-se clubes e inúmeros campos de futebol.” (SEABRA, 1987, p. 78)

A autora traz a ideia de que as várzeas ainda não haviam sido “vencidas”, ou seja, eram ainda um obstáculo a expansão da cidade na nova fase do capitalismo industrial. Constituíam-se dessa forma num obstáculo físico e, enquanto permanecia assim, esses usos mais espontâneos citados acima eram possíveis. O futebol de várzea surge então nesse contexto, em que os moradores próximos tinham a várzea como meio de vida, tanto para o trabalho como para a recreação:

“Mas sabe-se que os meios de vida de parte desses habitantes derivavam da sua exploração econômica e sabe-se também, que foi sendo elaborada no contexto da vida social e dos objetos e relações que acabavam por transpor as várzeas e os rios ao universo simbólico da vida, para se constituir numa dimensão da cultura.” (SEABRA, 1987, p. 64)

A mesma autora ainda completa este raciocínio, quando lembra que “O futebol de várzea, nos inúmeros campos de futebol lá localizados, constitui

talvez a maior expressão cultural da várzea na vida da cidade.” (SEABRA, 1987, p. 107)

Outra importante autora que nos auxilia a entender o fenômeno dos usos das áreas de várzea na cidade de São Paulo é a socióloga Ecléa Bosi (1983). Segundo depoimento de um morador colhido por ela em sua pesquisa sobre a cidade de São Paulo,

“Naqueles tempos existiam mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Penha pode ser cinquenta campos, Barra Funda, Lapa entre vinte e vinte e cinco campos, Ipiranga, junto com Vila Prudente pode por um cinquenta campos. Vila Matilde uns vinte. Agora tudo virou fábrica, prédios de apartamentos. O problema da várzea é o terreno. Quem tinha um campo de sessenta por cento e vinte metros acabou vendendo pra fábrica... a maior parte dos campos eram doados pelos donos para o lugar progredir, popularizar. O dono que pedia pra fazerem um campo nesses terrenos baldios.” (BOSI, 1983, p. 107)

A quantidade de campos citada acima é algo impensável para nossos tempos atuais, algo até difícil de imaginar, dada a escassez que passamos a viver em relação a esses espaços. E eram espaços apropriados pelas pessoas, com uso livre. Nesse sentido compreendemos que esses usos do espaço urbano pela população, usos ligados a prática real da vida cotidiana, são possíveis enquanto as relações sociais presentes na sociedade possibilitam que determinado espaço físico se apresente como algo realmente significativo para a população, como recurso da sociedade assumindo uma “dimensão cultural”, de acordo com os termos da autora (BOSI, 1983). O futebol de várzea se enquadraria neste raciocínio.

No desenvolvimento do seu já citado trabalho, Odette SEABRA (1987) nos leva a compreensão de como o espaço da várzea foi perdendo esse sentido social, de usos para as pessoas tanto na produção da vida material como para o lazer e passando a assumir um significado “abstrato”, distante daquelas pessoas. O que passa a ser feito (o uso) daqueles espaços seriam determinados não mais pela vida cotidiana delas e sim por outras determinações, estranhas aos moradores. Ocorre uma ruptura, outras lógicas vão sendo paulatinamente impostas. Aqueles espaços se incorporariam a cidade da nova fase capitalista, e se tornariam cada vez mais fruto e condição

de existência dessa cidade que vai sendo produzida em moldes capitalistas, superando a limitação imposta pela várzea.

As principais mudanças ocorrem principalmente com a instalação de inovações técnicas nos leitos dos rios, com a consequente canalização, dreno e retificação de seus cursos, numa tentativa bem-sucedida de tornar aqueles terrenos antes insalubres em áreas de usos tipicamente urbanos (usos residenciais, industriais, viários etc.). As várzeas foram incorporadas como força produtiva social da cidade, se transformaram em espaço racionalizado e agora os habitantes ali não seriam mais sujeitos ativos sobre elas. A várzea agora era um espaço estranho, incorporando usos mais corporativos, usos condicionados por um outro tempo, um novo tempo; como mostra também Odette Seabra,

“Assim o processo de intervenção na natureza natural dos rios, tanto do Tiete como também do Pinheiros, evoluiu no tempo para tornar as relações antes imediatas e até afetivas em relações abstratas. As relações com os rios e com as várzeas foram deixando de passar pela prática sensível.”
(SEABRA, 1987, p. 108)

A autora nos indica que essas obras pareciam ser uma necessidade histórica da cidade que crescia e para isso precisava ocupar as suas várzeas, avançar sobre ela, por isso a mudança de usos, constituindo-se aqueles terrenos em solo urbano, para usos urbanos. Os sistemas técnicos, as obras que vão sendo incorporadas à mancha urbana (asfalto, iluminação, etc) permitem outras formas de se produzir a cidade; segundo Seabra,

“(...) a retificação em projeto e a retificação em execução abria enorme perspectiva de valorização das terras. Tanto aquelas beneficiadas imediatamente como eram as várzeas, como das áreas adjacentes, envolvendo até mesmo a cidade como um todo. Trata-se da incorporação de trabalho à terra na forma de valores fixos, fixados no solo, que induzem naturalmente, nas condições de vigência de um mercado de terras, a uma valorização diferencial da terra.” (SEABRA. 1987, p. 114)

Partindo destas considerações de caráter teórico e histórico, pode-se dizer que a cidade foi tendo sua materialidade transformada, os investimentos realizados agora possibilitavam a incorporação de novos usos ao espaço urbano, usos voltados em grande parte para a produção e apropriação de lucros em moldes capitalistas. A maior parte dos investimentos necessários

para esta transformação material e funcional da cidade era oriundo principalmente do setor público, com apropriação privada a partir da produção da cidade, algo digno de análise e crítica. Essa nova racionalidade burguesa impõe uma função ligada à reprodução do capital e não a reprodução da vida dos habitantes da cidade; portanto, interesses e usos do espaço contraditórios se instalam na trama do cotidiano da cidade.

Para Henri Lefebvre, o principal uso da cidade é a festa, quando as pessoas utilizam as ruas, praças e demais espaço dela para o prazer. Estamos falando de valor de uso. Segundo o autor:

“A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso.” (p.14, 2001)

A partir destas palavras, reforçamos a suspeita de que a cada momento da modernização capitalista, os espaços para a “festa”, o valor de uso, sofrem ataques em detrimento de usos mais associados ao valor de troca. Foi assim com as várzeas dos rios na cidade há décadas atrás e com o nosso campo na COHAB em 2007. Lefebvre afirma existir um conflito entre o valor de uso e o valor de troca no sistema urbano, conflito entre a mobilização da riqueza e o investimento improdutivo na cidade, entre a acumulação de capital e sua dilapidação nas festas (mesmo as que também envolvem consumo). O autor arremata: *“O sistema corporativo regulamenta a divisão dos atos e das atividades no espaço urbano, ruas e bairros. (p. 14, 2001) “E mais a frente “a industrialização pressupõe a ruptura desse sistema urbano preexistente, ela implica a desestruturação das estruturas estabelecidas”. (p.14, 2001)* Estes argumentos se encaixam perfeitamente para a modernização da várzea do Tietê e Pinheiros, que suprimiu o espaço livre que os moradores tinham até meados da primeira metade do século XX, no intuito de viabilizar uma cidade cada vez mais industrial. Mas estas mesmas passagens também ajudam a entender a perda do nosso campo, já que mesmo passando por um processo de desindustrialização, a cidade não deixou completamente de ser industrial,

de uma hora pra outra. Talvez o comando hoje seja do capital financeiro, mas o que ocorre de fato é um convívio ou junção destes sentidos de acumulação. Portanto nos permitimos afirmar que a cada investida do capital (e não apenas da indústria) sobre novos espaços ocorre a desestruturação das estruturas anteriores.

1.6 – AMOR AO FUTEBOL

Meu tema de TGI, envolve duas grandes paixões. Geografia e futebol. O espaço para a prática desta atividade acabou por configurar uma interação entre estas duas paixões. Desde as primeiras aulas no curso foi o tema que mais me chamou a atenção, os espaços de lazer, especificamente para o futebol. Nas linhas abaixo tentei fazer uma ode ao futebol. Já aviso que pode soar muito meloso para os corajosos leitores.

O futebol carece de poucos recursos para ser praticado. Se não há espaço, joga-se na rua mesmo. Se o terreno não é plano joga-se mesmo assim. Material esportivo—muitas vezes é dispensado, é comum vermos nas periferias das grandes cidades as crianças jogarem na rua e usarem seus chinelos para fazerem o papel de trave. No meu tempo, nas escolas jogávamos com bolinhas de papel no intervalo. Nesse aspecto esse esporte é totalmente inclusivo, algo que me faz apaixonar ainda mais por ele.

O futebol amador alimenta todo um desejo de potência para milhares de pessoas pelo país. Ser “bom de bola” abre portas. Existem casos de jogadores amadores serem indicados por amigos para ocuparem funções em empresas, mas principalmente para fortalecer o time nos campeonatos entre firmas. Nos presídios também. Ouvi vários relatos sobre presos que ganham privilégios nas penitenciárias e são disputados entre os diversos times de internos.

Jogar bem te faz “ganhar moral” no meio, ser conhecido no bairro. Ter o melhor time do bairro é questão de honra. Perder clássicos para times próximos é das piores coisas que pode acontecer nesse contexto de futebol. Mexe com a honra, é questão de prestígio. Tanto é que para muitos brasileiros

amantes do esporte, para os jornalistas da área, ter o melhor futebol do mundo virou quase que uma obsessão, sentimento incentivado pela mídia tradicional, que claramente usa o futebol para inflar a ideia de orgulho e paixão nacional, quase como um elemento unificador e identitário do país. Essa mídia tradicional também aproveita para usar o futebol como uma distração para o público. Distração no sentido de alienação mesmo. Mas o futebol é vítima disso, desse uso.

O fato de o futebol ser praticado com os pés, enquanto os outros grandes esportes do mundo usam as mãos, pode ser entendido como uma subversão, um outro tipo de habilidade. Fiquei impressionado quando me dei conta disso, ao ouvir o comentário do Tonton, um colega de faculdade e futebol. E inclusive o uso das mãos aqui é proibido, com exceção do goleiro. Só para comparar, em outros 2 esportes que admiro muito, vôlei e basquete. O controle da bola se faz apenas com as mãos. No futebol esse controle é constantemente feito com o peito, coxas, cabeça, além dos pés.

Nos outros esportes com bola, ela circula pelo alto. O bom futebol também usa a bola pelo alto, mas o essencial aqui é que ela role, deslize pelo terreno, mais uma subversão a normalidade da maioria dos esportes e mais uma dimensão espacial na realização do jogo, tornando-o mais diferente e complexo. Se em determinado jogo a bola ficar muito pelo alto, os próprios jogadores e público classificam o jogo como ruim, feio. Quando um time está jogando mal, é comum ouvir as expressões “vamo por a bola no chão”, “fazer ela rolar”, que se referem a jogar bem e bonito. O jogador que domina e coloca ela no chão é tido como um jogador de qualidade e de personalidade (porque também é o que mais se arrisca a perdê-la). Essa questão espacial do campo de jogo me encanta

Estatísticas mostram que entre os esportes coletivos o futebol tem o maior índice de vitórias para os times não favoritos, há uma maior imprevisibilidade. É lindo ver o mais fraco ou mais pobre ganhar, é mais uma subversão a normalidade. Isso ocorre também no profissionalismo. Já assisti alguns milhares de jogos de futebol. De verdade, não conheço ninguém com mais ou menos a minha idade que veja mais jogos que eu por semana, desde

os 8 anos de idade quando comecei a acompanhar. Confesso que isso toma um pouco o tempo dos meus estudos. Mas enfim, o episódio contado abaixo é tão marcante pra mim, como amante do jogo, que merece um parágrafo próprio.

Um dos jogos mais inesquecíveis que tenho na memória foi a abertura da Copa de 2002 entre França e Senegal. França era extremamente favorita, destemida e temida por todos. Vinha de títulos da última Copa do Mundo de 1998 (aquele 3x0 na final em cima do Brasil), Eurocopa e Copa das Confederações. A derrota da seleção em 98 foi a primeira grande lição que tive do jogo, nunca tinha visto o Brasil perder daquele jeito, foi educativo. Nos anos seguintes, 99 e 2000 vi o Corinthians ser eliminado duas vezes pelo maior rival palmeiras no campeonato mais desejado por todos os corintianos, a Libertadores. Até então só havia visto sucessos do meu time. Justamente no momento mais esperado meus heróis falharam e acho que esses reveses ajudam a formar caráter. Voltando a 2002, a França era superfavorita a ganhar tudo. O adversário na estreia era uma ex-colônia sua. Muitos dos jogadores de Senegal atuavam em times franceses, como que um laço do período colonial. Já os jogadores franceses nem mais em seu país atuavam, e estavam nos maiores e mais ricos times do mundo, na Espanha, Inglaterra e Itália. Mas Senegal venceu o jogo e deixou todo mundo atônito. Foi o triunfo da colônia sobre a metrópole. O jornalista Leandro Stein escreveu para o site Trivela que Senegal só por desafiar nossos algozes já merecia simpatia e que os uniformes de jogo dos Leões de Teranga era tão coloridos quanto as manhãs daquela copa. Que coisa louca é esse tal de futebol. Lembro desse mês daquela Copa do Mundo com um sorriso nos lábios, no final dela o Brasil se sagraria campeão. As manhãs acordando de madrugada para assistir os primeiros jogos de cada dia valeram muito a pena.

Já em 2016 o Leicester City FC, time com o 16º orçamento num universo de 20 times na primeira divisão inglesa, se sagrou campeão, superando times bilionários com orçamento até 10 vezes maior. Algo impensável em outros esportes. Claro que isso não acontece sempre, mas é mais recorrente com o futebol, o que me faz me apaixonar um pouco mais. No campeonato paulista de 2016, vemos mais outra grande “zebra”, um time mais

pobre sem nenhum holofote e que surpreende todo mundo. O Osasco Audax foi vice campeão, deixando para trás os três grandes clubes milionários da capital: São Paulo, Palmeiras e Corinthians. Eu tinha que citar este exemplo, por ser justamente o time da minha cidade. Esses acontecimentos têm ligação com a história do Vasco do Gama, trazendo a ideia do futebol como algo inclusivo, em que os “pobres” tem chance. O Vasco nos anos 1920, contava com um time de negros e operários, destoando dos outros times da cidade do Rio de Janeiro que eram elitistas, contando com jogadores que eram no geral estudantes ricos. Em 1923 o Vasco venceu o campeonato carioca, mostrando que o futebol coloca em igualdade de condições até mesmo as diferenças de classes.

2 - A COHAB Raposo Tavares

“To chegando na COHAB, pra curtir minha galera, dá um abraço nos amigos e um beijinho em minha cinderela... Vai ficar legal, pagode na COHAB no maior astral, em frente a lanchonete, sambando e fazendo um grande carnaval.” (versos do Negritude & Jr, sobre a COHAB de Carapicuíba)



(Muro com grafitti na COHAB Raposo. Foto de 2014)

Neste capítulo trataremos do bairro em questão, da história dele, do campo e do processo de perda. Ele é o resultado das visitas ao local e das conversas /entrevistas realizadas. Procuramos detalhes juntos aos moradores. Alguns não queriam falar ou falavam o mínimo possível, já querendo mudar ou encerrar o assunto. Isso já nos fez desconfiar de algo. Até porque eu chegava nas pessoas sempre por indicação de alguém, por intermédio de alguém conhecido em comum de ambas as partes, e que garantia que minhas intenções eram as melhores. E no geral, sentia que as pessoas que estavam resistentes não desconfiavam de mim, apenas não queriam se envolver e falar demais. A conversa com 2 jovens, que serão apresentados a seguir foram de fundamental importância nas descobertas e na conclusão deste trabalho. O

primeiro destes personagens nos forneceu informações riquíssimas. Neste momento me senti pesquisador de verdade, pelas descobertas que iam aparecendo. O segundo personagem deu um tom dramático a história, me fazendo sentir que estava lidando com coisa muitíssimo seria, mais do que eu supunha ao iniciar. Além destes dois que mais contribuíram, gostaria de citar a importância do Anailton, Daniel e Fabinho que também ajudaram na busca de contatos e no fornecimento de informações.

2.1 – O bairro e o campo.

Tive a sorte e oportunidade de entrar em contato com uma pessoa que participava das atividades no campo e bastante atuante nas questões sociais e culturais da Cohab Raposo. Trata-se de Henriller, apelidado de Zóio, 32 anos, atualmente morador do meu bairro, o Santa Maria, mas muito envolvido com as pessoas da COHAB para a realização de atividades culturais. Por indicação de amigos fui chegando até ele. A conversa com Henriller rendeu muitos bons frutos para entender a situação de perda do campo. Trata-se de uma pessoa bem esclarecida em relação a situação social daquela região, sempre problematizando as situações que são colocadas no cotidiano daquelas pessoas. Ele mesmo reconhece que poderia ter trilhado outros caminhos, não fosse um esforço de sua mãe em “pegar no seu pé” e colocá-lo numa escola melhor, que ocupava o restante do seu tempo com atividades culturais e educacionais. Então ele melhor que ninguém reconhece a importância de oferecer lazer e outras possibilidades de vivência para os jovens da periferia. Atualmente ele trabalha numa empresa privada, ligada a sua formação, mas utiliza parte do seu tempo livre em atividades culturais na COHAB e em cursos de formação para que possa conhecer experiências novas e compartilhá-las.



(Garoto com camisa de evento organizado por Henriller e seus amigos na COHAB Raposo)

Sua participação quando da existência do campo, era como jogador de um dos times que possuía direito de horário no espaço. Segundo o seu relato, as pessoas que eram mais engajadas com o futebol, tanto jogadores como times em si não deixaram de jogar após a perda do espaço. Foram participar de outros times na região e muitos dos times passaram a dividir horários em campos próximos ao bairro. A sede social de alguns dos times permanecia na COHAB, mas os jogos se realizavam um pouco mais longe. Segundo ele, é claro que existiu um universo de jogadores que deixou sim de jogar, mas isso não foi a regra absoluta. Ele também preferiu não arriscar uma estimativa de mais ou menos quantos deixaram de jogar, mas afirmou que isso aconteceu com alguns. Pra nós se aconteceu com 2 ou 3 já é muito grave, pelo fato de parar de jogar não ter sido uma decisão espontânea, mas sim por uma determinante econômica de reorganização da cidade que os deixou sem muita escolha, sem opção. Ir pra mais longe talvez não fosse opção, pelo tempo dispendido no deslocamento ou pelos custos a mais que esse deslocamento

acarretaria. Pelo que ouvi nas conversas com a molecada do bairro, alguns deixaram de jogar porque o que os fazia ir para o campo era o fato de confraternizar com os seus pares, que moravam todos ali, isso que era “dahora, ir de chinelo pra beira do campo, levar o filho pequeno. Acordar em cima da hora e ir de qualquer jeito. Jogar em outro bairro já seria uma perda nesse sentido.

Em relação ao processo de perda do campo, entramos numa questão bem polemica. Algumas pessoas do bairro suspeitam que Seu Zé, um dos maiores responsáveis pela organização e manutenção do campo teria se beneficiado de alguma forma material com a perda dele. As pessoas esperavam que ele articulasse uma reação contrária, mas segundo elas o que se viu foi uma reação bem passiva ou pacífica. Muitas outras pessoas do bairro preferem não considerar essa hipótese, mas é uma polemica que circula nas conversas sobre a perda do campo. Ele mesmo, Henriller, prefere não se posicionar, em relação a isso por não saber de nada mais concreto. Uma postura bem responsável. Mas fez questão de nos deixar a par desta discussão. Responsabilizar o seu João totalmente é desconsiderar que existe toda uma série de campos na cidade que estão se perdendo. Não podemos ignorar a materialidade dos fatos, nossa intenção foi chegar aos detalhes da perda do campo. Ao mesmo tempo a ideia não é fazer um trabalho policial e nem denunciar um indivíduo ou outro, mas sim compreender as determinações econômicas e estruturais do processo que se deu. Existe um processo maior que coordena isso, um processo de reestruturação do espaço, atendendo a interesses modernizantes, sobre o qual os indivíduos destes bairros têm pouca ou nenhuma força.

Outro ponto que nos chamou a atenção em sua fala foi quando comentamos do aumento significativo da violência no bairro nos últimos 5 ou 6 anos. Segundo ele a sensação de insegurança é muito grande ali, algo sem precedentes em tempos atrás no bairro. E os jovens se envolvem muito facilmente com o crime, desde muito cedo. Sempre muito cuidadoso, ele não quis afirmar que isto se relacionaria com certeza a perda do espaço de lazer, ou pelo menos como fator determinante. Mas colocou os dois cenários e sugeriu que pode haver relações, algo que eu também considero muito

possível. Aquele espaço não só era uma oportunidade de ocupar o tempo dos jovens, mas também de inseri-los numa atividade esportiva, fazê-los se sentirem pertencentes a algo. A escolinha de futebol, por exemplo. E ele cita o exemplo de Felipe, um jovem morador do bairro que começou jogando na escolinha que ali existia e que depois seguiu o caminho do futebol profissional, atuando hoje num dos maiores times da primeira divisão do futebol português. Temos os dois cenários, perda dos campos e aumento da violência, e é inegável que o espaço e a prática esportiva tem uma importante função social.

A prática de uma atividade esportiva ou cultural faz os jovens abrirem novas perspectivas, se sentirem participantes na sociedade, ampliarem os horizontes. Me lembro em 2014 quando aconteciam os “rolêzinhos” na cidade de São Paulo. Em que centenas de adolescentes das periferias marcavam de ocupar os espaços dos shoppings como uma alternativa para o lazer, em consequência da falta de espaços de lazer nos bairros de origem destes jovens. Os rolêzinhos eram muito mal vistos por parte da sociedade e da imprensa, que viam aquilo como algo que atentava contra a normalidade daquele espaço. Eu prefiro entender como uma rebeldia frente as poucas oportunidades que são oferecidas aqueles jovens.

Na Cohab Raposo e nos bairros vizinhos a violência tem crescido muito no decorrer dos anos. Me lembro que a uns 10 anos atrás eu caminhava tranquilo pelas ruas do bairro tarde de noite, voltando do cursinho e da faculdade. De um tempo para cá isso é impraticável. O tempo de caminhada do ponto do ônibus até em casa tem que ser a passos largos e muito rápido. Cada moto que passa o coração dispara (os praticantes de assaltos geralmente estão de moto). É comum as pessoas irem correndo do ponto até em casa. Quem tem algum um carro para buscar o parente no ponto se utiliza desse meio. A sensação de insegurança é altíssima. Crimes como invasão de residências e assaltos as filas de trabalhadores em ponto de ônibus as 6h da manhã se tornaram conversas presentes entre os moradores. Há uns 10 anos atrás tudo isso não fazia parte da vida daqueles bairros. Ao conversar com as pessoas dos bairros ali, muitos justificavam esse aumento de assaltos na rua pelo fato de que de poucos anos para cá aumentou muito o número de pessoas portando celulares caros, smartphones e afins na rua, o que seria um

facilitador para esses crimes. Isso pode fazer sentido, mas sabemos que existem motivações relacionadas a desigualdades sociais e oportunidades de inclusão que interferem nestas situações.

2.2 - Gente, barro, tempo, sorte, morte... Aos olhos de uma criança.

*É mão na contra mão, é "mancada"
É jeito, é o caminho, é "nóis", é eu sozinho
É feito, é desalinho, perfeito carinho, é cilada
É fome, é fé, é "os home", é medo
É fúria, é ser da noite é segredo, é choro de boca calada
Saudades de pá!,pai, quanto tempo faz, a esmo
Não é que esse mundo é grande mesmo?*

*Gente, carro, vento, arma, roupa, poste
Aos olhos de uma criança
Quente, barro, tempo, carma, roupa, norte
Aos olhos de uma criança
Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte
Aos olhos de uma criança
Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte
Aos olhos de uma criança*

("Aos olhos de uma criança". Composição do rapper Emicida para o filme O Menino e o Mundo)

Para entendermos a formação do bairro Cohab Raposo Tavares, é necessário nos reportarmos ao dia 24 de outubro de 1989, triste dia na Favela Nova República ao lado do bairro nobre do Morumbi, zona sul do município de São Paulo. Neste dia ocorreu um desabamento de um aterro de mais ou menos 80 metros, soterrando 32 dos 120 barracos que existiam na favela. 14 pessoas morreram, entre elas 12 crianças. Fernando, antigo morador da favela e atual morador da Cohab Raposo me relatou todo o fatídico acontecimento. Ele é o segundo personagem entrevistado que apontamos nas páginas anteriores. Fernando perdeu um irmão e uma irmã mais novos nesse desabamento e por pouco não foi mais uma vítima, já que tinha saído de casa pouco antes da tragédia. Por termos sido colegas de time na várzea esse caminho de descoberta para a pesquisa acabou sendo natural. Jogamos juntos cerca de 1 ano no atual Fortaleza do Santa Maria em Osasco. Numa conversa relaxada sobre diversos temas, no caminho de volta para casa após um dos jogos, chegamos por acaso nesse assunto e no tema do meu TGI. Mas

acredito que chegaríamos de qualquer maneira nesse ponto, pois era um dos caras do time com quem eu mais conversava.

Já convivía com Fernando fazia algum tempo no time Fortaleza, e não imaginávamos que ele teria um papel tão relevante com as informações do meu trabalho ou que eu buscava informações tão pessoais de um momento tão difícil daquela família. Fernando tinha 5 anos quando do desabamento na favela, e entre as crianças falecidas, estavam um irmão e uma irmã mais novos. Ao mesmo tempo que me sentia no dever de desvendar aquela história também para valorizar as memórias deles, sentia um pouco de constrangimento em vasculhar e ter como objeto de estudo um momento que talvez as pessoas envolvidas não gostassem de lembrar ou não quisessem compartilhar com pessoas de fora. Na verdade Fernando e sua mãe quando me receberam em sua casa na Cohab para falar sobre o assunto foram totalmente solícitos e atenciosos. Não vejo possibilidade de ajudar mais do que eles fizeram.

Trata-se de uma típica família da periferia das grandes cidades brasileiras, os pais são imigrantes nordestinos que vieram em busca de oportunidades de emprego e sobrou a opção de ir morar em áreas onde coubesse no orçamento familiar. Essa situação de pobreza e escassez os expôs a riscos e problemas totalmente evitáveis com os recursos da sociedade da época, algo que torna a situação mais indignante ainda. Isso é uma constante para os moradores das periferias, que sofrem com falta de saneamento, maior exposição a violência, desabamentos, enchentes, entre outros problemas. Por serem mais pobres algumas pessoas sofrem mais com esses problemas.

Uma pesquisa recente da Rede Nossa São Paulo comparou diversos bairros da cidade nos quesitos número de equipamentos culturais, vagas em creches, homicídios, salário, leitos hospitalares, mortalidade infantil entre outros e chegou a conclusões alarmantes (porém já previstas) em relação a desigualdade entre os bairros. Para exemplificar, a expectativa de vida no Jardim Ângela, seria de 55 anos e a dos Jardins seria 79. A pior está na faixa de países africanos e a melhor de países europeus. Toda essa diferença

dentro da mesma cidade, em bairros separados por alguns quilômetros de distância. São Paulo é uma das cidades mais ricas da América Latina, existe recurso e capacidade econômica para atender as necessidades básicas das pessoas, mas por diversos motivos boa parte de seus moradores continuam sofrendo de males que tem cura. Em outro estudo, a mesma Rede pesquisou as condições nos diversos bairros para a primeira infância, com o objetivo de mostrar as diferenças existentes dentro da cidade em relação a situação das crianças. Distritos como Grajaú e novamente o Jardim Ângela e o nosso Raposo Tavares aparecem mais vezes entre os com piores indicadores nos diversos quesitos.

Fechando esse grande e importante parêntese acima continuamos com o relato de Fernando. A medida que ia me inteirando dos detalhes ficava cada vez mais difícil manter um distanciamento, um posicionamento racional perante aquela história. Sentia também medo de incomodar a família, ou não estar à altura ao relatar os acontecimentos, tendo em vista a gravidade da situação. Foi um dos momentos mais intensos da pesquisa, lidar com essa história. Vamos aos detalhes do ocorrido.

Ao lado da antiga Favela Nova República, seria construído mais um condomínio de luxo e para isto que o aterro estava sendo realizado. Segundo os relatos e de acordo com informações da prefeitura na época, a obra estava embargada, sendo que a prefeita de então, Luiza Erundina, já tinha por várias vezes multado os donos e responsáveis pelo empreendimento, solicitando a construção de um muro para evitar o desabamento. Nem o muro foi construído, nem a chegada de caminhões carregados com terra cessaram. O que sucedeu foi o pior, o desastre, criminoso, portanto totalmente evitável aconteceu. De acordo com informações do Jornal Folha de São Paulo o proprietário do terreno, o responsável pelo aterro e mais 4 funcionários da prefeitura foram condenados pela justiça, no ano de 1993, 4 anos após a tragédia.

Os sobreviventes da favela foram transferidos para a COHAB Raposo. Pela prefeitura da época foi cedido um terreno de graça para os moradores, nem o IPTU eles precisavam pagar. O terreno liberado ficava ao lado dos prédios que já haviam sido construídos. Segundo a família de Fernando, a

ajuda da prefeitura foi além, no sentido de oferecer material de construção para as novas casas e até alimentação, através de um cadastro e do esquema de “bandejão”. A água também foi cedida gratuitamente, através de caminhões pipas, já que demorou um pouco para a instalação da rede de saneamento. Aos poucos a estrutura foi melhorando e toda aquela área foi se consolidando como bairro. Abaixo colocaremos algumas fotos para ilustrar as primeiras residências construídas após a transferência dos moradores da antiga favela que desabou. As fotos foram cedidas pela família de Fernando.

Nesta primeira foto temos Fernando em primeiro plano e ao redor alguns dos barracos que compunham a Favela Nova República. O ano da foto é 1987.



(Fernando, na Favela Nova República. Foto de 1989)

A foto abaixo traz uma matéria de um jornal de Contagem em Minas Gerais, que havia passado por uma tragédia semelhante e onde também havia parentes da família nas proximidades. Na imagem temos a mãe de Fernando segurando o filho mais novo e comentando os momentos de terror pelos quais

passou e a angustia em relação aos seus parentes que passaram por algo semelhante em Minas.

Apresentando comercial da empresa, Afonso Munhoz, disse que estima em 2 mil metros quadrados a área do terreno que deslizou, de um total de 20 mil metros quadrados.

Segundo Munhoz, a empresa contratou consultores para ajudar a apurar as causas do acidente. Ele afirmou que a empresa está à espera dos resultados oficiais sobre o deslizamento.

"Os equipamentos da construtora que estavam no terreno foram colocados à disposição da equipe de resgate da Defesa Civil", disse Munhoz. Além dos tratores, ele disse que os funcio-

Há cerca de um mês, alguns moradores da favela Barraginha solicitaram à construtora a canalização da água da chuva, que caía sobre os barracos. "Atendemos prontamente", afirmou ontem Munhoz. Ele disse que a empresa não recebeu, em momento algum, visita de representantes da Defesa Civil de Contagem no local.

"Não era necessária vistoria, uma vez que não realizávamos obra no local. Apenas estávamos fazendo limpeza de terreno e retirada de entulho."

Se cala em uma chupeta em moradores para tomar providências contra o risco de deslizamento.

Segundo ele, o único pedido que a Prefeitura recebeu foi do vereador Firmo Alves, que foi "prontamente atendido pela Defesa Civil".

Ele solicitou que fosse feita uma vistoria na empresa M. Martins por causa de uma drenagem que provocava acúmulo de água na vila. "A Defesa Civil parou o trabalho do dreno errado e começou outro dreno", disse Lucas.

Sobrevivente da Nova República queria estar em MG para ajudar

Sérgio Andrade



Dolores e Ednilson, sobreviventes do soterramento da Nova República, com o filho Edne

"Quando eu vi as imagens de Minas na televisão, parece que eu estava vendo a Nova República". A frase é de Dolores Dourado de Sousa, 35, que escapou da morte na tragédia da favela da Nova República (zona sul de São Paulo) em 1989.

Ela conta que tinha saído de casa havia dois minutos. "Ai, eu ouvi alguém gritando: 'Olha o ferro!'. Dolores correu para tentar salvar os seus três filhos, que estavam no barraco. Empurrou a porta com toda a força, mas não conseguiu entrar. A menina Fernanda, 2, e o garoto Ednilson, 3, morreram soterrados. "Eles estavam dormindo", disse Dolores.

Fernando, que tinha 8 anos na época, tinha saído do barraco para lavar os pés. "Me ajuda mãe, eu perdi meus irmãos". Esta foi a primeira frase que Fernando pronunciou assim que reencontrou a mãe em meio ao inferno que se tornara a favela.

Se pudesse, Dolores diz que estaria em Contagem para ajudar as pessoas que estão passando pelo mesmo sofrimento pelo qual ela já passou. "É muita agonia a gente saber que existem pessoas enterradas e não poder fazer nada", afirma. Por essa lembrança amarga, Dolores nunca mais voltou ao local onde existia a favela da Nova República. "É duro lembrar do que aconteceu. É como tirar a casaca uma ferida."

Hoje, Dolores vive com o marido, o eletricitista E. Correa, 26, e o filho Edne no Conjunto Habitacional Tavares (zona sul de São Paulo). O menino, com 10 meses, nasceu após a tragédia trouxe alegria para a família, mas ela nunca vai ser a mesma.

(Família de Fernando num jornal comentando sobre a tragédia)

Nas imagens abaixo temos as primeiras residências dos antigos moradores da Nova República, já na Cohab Raposo Tavares. Uma das fotos traz um campo que foi improvisado num espaço central do bairro e onde eram organizados jogos e times de várzea. Esse espaço poderia ser classificado também como um espaço livre de lazer, de acordo com os critérios do nosso trabalho. Acontece que ele deixou de ser utilizado para o futebol de várzea a mais de duas décadas. Hoje existe uma quadra de futsal ali e um espaço livre que serve para a realização de eventos culturais do bairro e em alguns anos é utilizado para a instalação de um parque de diversões durante 2 ou 3 semanas. Nas fotos temos primos e tios de Fernando. Os eventos registrados são todos do ano de 1991.



(fotos conseguidas com a família de Fernando sobre os primeiros anos na COHAB Raposo)

Abaixo temos os usos atuais para o espaço central do bairro que abrigava o outro campo, o mais antigo, que está na foto acima. Ele permanece sendo um espaço livre, com usos variados. Uma pequena quadra poliesportiva (figura 1). Um circo durante alguns meses do ano (figura 2). Na figura 3 temos a estrutura que dá suporte ao circo e ao fundo os prédios da COHAB.



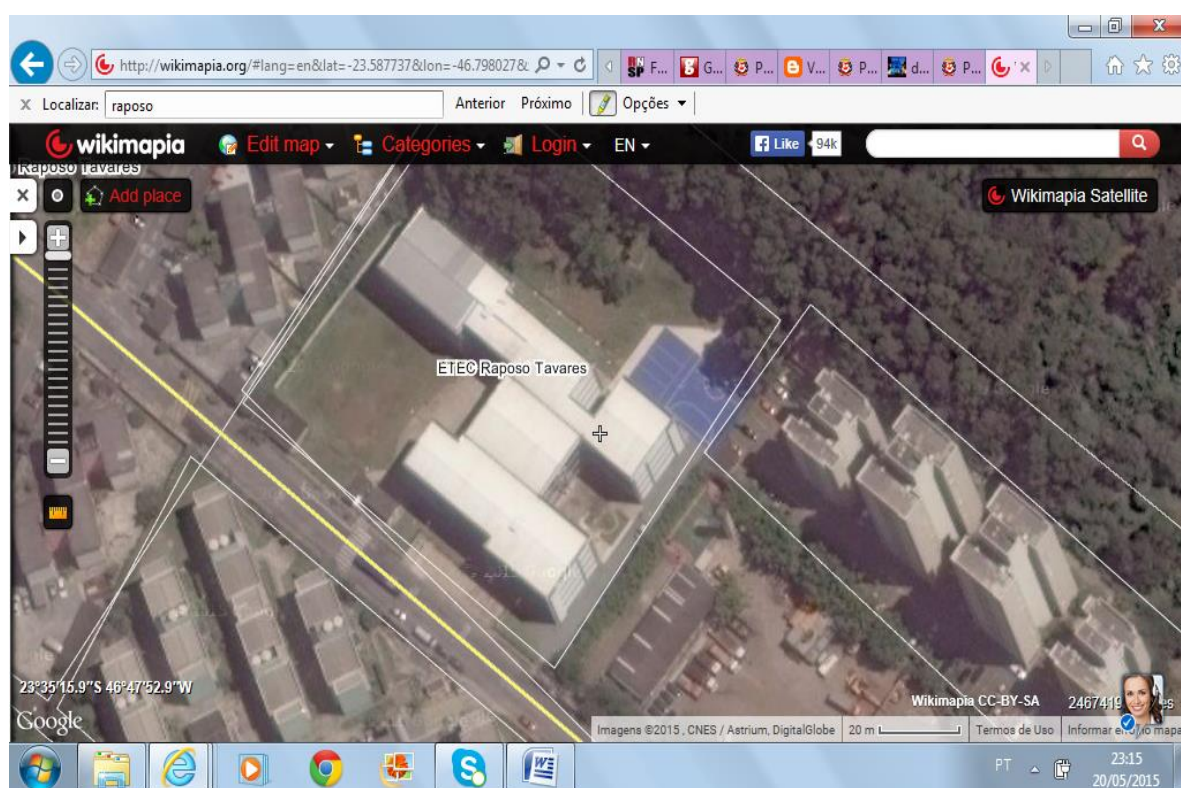
(Figura 1)



(Figura 2)



(Figura 3)



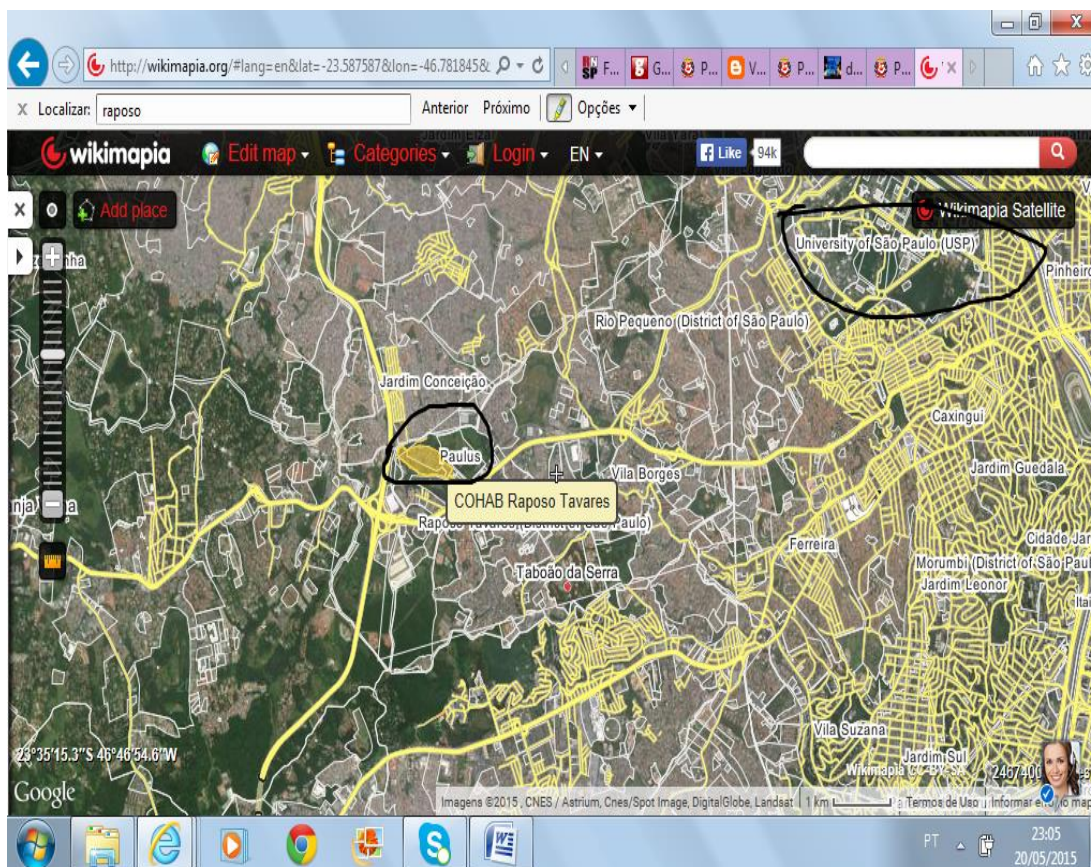
(imagem de satélite com a atual ETEC onde antes estava o campo)



(foto aérea com a existência do campo, antes da construção da ETEC)



(vista da Cohab Raposo, a poucos metros da atual ETEC)



(imagem de satélite ilustrando a posição da COHAB Raposo em relação a Cidade Universitária)

Esta imagem de satélite para nós é muito importante. Apesar da dificuldade em lidar com as tecnologias cartográficas e até com os programas básicos de edição de imagens nos sistemas operacionais populares, decidimos mantê-la aqui. Nela é perceptível que a COHAB Raposo está muito próxima do limite de expansão da área construída da cidade. Essa área avança sobre a área verde, principalmente com o surgimento de vários condomínios residenciais. A mancha cinza na imagem em contato com a mancha verde é praticamente o limite real entre as cidades de São Paulo e Cotia.

2.3 – O funcionamento do campo e sua perda

Os dias de maior atividade no campo eram os domingos. Os times do bairro tinham os horários demarcados, desde as 8h da manhã que era o primeiro horário até as 16h da tarde, que era o último. Os jogadores com quem conversei me disseram que os atrasos eram costumeiros. Cada jogo atrasava um pouquinho, resultando que o último jogo marcado para as 16h só

começasse as 17h. Isso sucedia sempre. Dava problema, porque os times no último horário podiam ter que encerrar o jogo antes do tempo calculado por falta de luz solar. Segundo eles, as reclamações eram recorrentes, mas o problema nunca se resolvia, a ponto de os jogadores dos últimos horários já chegarem atrasados para não ficarem muito tempo esperando. Os 2 primeiros horários eram sempre reservados aos times de veteranos. A partir das 11h até as 14h da tarde jogavam os melhores times, chamados de Esporte, considerados a idade dos profissionais, quando os jogadores têm mais vitalidade, dos 18 aos 35. Abaixo disso o jogador não estaria pronto e acima já não teria preparo físico para aguentar o ritmo de jogo, salvo algumas exceções.

O bairro contava com vários times, entre eles o Raposão, o Aliados FC, O Juventus, entre outros. Estes times mandavam os jogos ali, e recebiam visitantes desde bairros vizinhos como o Santa Maria, CDHU Munck, Santa Isabel, João XXIII, Educandário, até times de mais distante e de outras regiões da cidade. Mas isso era raro. O campo de certa forma era conhecido fora do bairro, na várzea da Zona Oeste e arredores. A localização dele era privilegiada, praticamente na beira da rodovia. Era considerado pequeno, porém de qualidade aceitável, sem muitas ondulações ou buracos. Os times tentavam preservá-lo quando chovia muito, para que não ficasse esburacado. Algumas vezes no ano eram realizados festivais, onde os times jogavam uma partida valendo um troféu. Pelo menos uma vez no ano o campo sediava algum campeonato. Era quando o campo ficava cheio de torcedores dos times da casa e de visitantes. Bandeiras e faixas ao redor do campo nos alambrados e muros. Bateria, samba, fogos. Era clima de festa. Muita gente que nem se interessava por futebol ia assistir. Era “tipo” Copa do Mundo, quando mesmo quem não é tão ligado ao futebol acaba “dando uma atenção”. Nestes dias algumas pessoas aproveitavam o movimento intenso para vender bebidas, doces e salgadinhos.



ano era 2005.)

(foto com o time do Aliados FC, o



Palmeirinha)

(partida entre Aliados e

Aos sábados e na semana funcionava como escolinha de futebol. Na semana ocorriam os treinos e aos sábados os jogos. O campo recebia escolinhas de cidades vizinhas como Osasco, Cotia e Carapicuíba. Por muito tempo foi a única escolinha da região, e por isso recebi meninos de vários bairros vizinhos. No restante do tempo quando não era ocupado pela várzea ou pela escolinha o espaço ficava aberto, onde o público geral ia fazer caminhada, empinar pipa, as crianças iam brincar.

Os times e a escolinha eram responsáveis pela administração e manutenção, mas no geral tudo se centralizava na figura de Tio Zé, um amante do futebol e incentivador dos times de várzea do bairro. Ele que organizava horário, recolhia dinheiro quando precisava fazer algum reparo nos vestiários, redes e alambrados precários. Tentei de várias formas chegar até ele e não consegui. Várias foram as recomendações para desistir destas tentativas. Primeiro porque ele era tido como uma pessoa difícil, uma mistura de bravo,

ignorante, mal-humorado. Isso é o que as pessoas diziam. Segundo porque na opinião geral ele se beneficiou materialmente com a perda do campo, e portanto, não gostaria que essa história fosse levada à tona, por mais que ele soubesse que todos ali desconfiavam, era algo restrito ao bairro, que ele ficaria desconfiado e eu até correria riscos dado os contatos que ele tinha ali. Com tudo isso desisti de encontrá-lo, todos diziam que ele nem telefone tinha, que era difícil ficar em casa. Fiquei apenas com uma versão dos fatos em que todos responsabilizavam ele e lamento muito não tê-lo ouvido. Por isso não podemos chegar a essa conclusão de que ele foi culpado, até porque nenhum indivíduo é o culpado pela perda do campo, mas sim as determinantes econômicas que reestruturam o espaço da cidade. A perda de campos de várzea é um processo que ocorre em muitos bairros da cidade, e o Tio Zé não pode ser responsabilizado por eles. Achar um culpado, responsabilizar uma só pessoa seria reduzir a explicação ao mais superficial.

Tio Zé era o responsável pela limpeza dos vestiários, pela marcação das linhas do campo antes do primeiro jogo de cada dia, marcação essa que segundo os relatos sempre ficavam tortas, mas isso nem tinha muita importância para eles, apenas lembraram disso porque consideravam engraçado. Segundo os ex jogadores com quem conversei não era raro ele tirar dinheiro do seu próprio bolso para arcar com alguma pequena melhoria para o campo. Muitos pessoas do bairro, mesmo desconfiando que ele tenha recebido dinheiro da construtora para não impedir a construção da ETEC não quiseram se envolver. Alias não tinham como provar, apesar que outros garantem veementemente que isso ocorreu.

Mas houve resistência, principalmente por parte dos jogadores. Lembro de passar uma vez na porta da ETEC já construída e presenciar a pichação “Cadê nosso campo?” Acontece que eles ficaram isolados. Boa parte do bairro queria a ETEC e por não participarem do campo achavam que era um espaço vazio, no sentido estrito da palavra, desocupado, sem nenhuma função. Não é qualquer bairro que cedia uma ETEC, isso causou um certo alvoroço no bairro. Os pais tinham a esperança de que seus filhos estudariam numa ótima escola e pertinho de casa. Isso meche com as pessoas.

Muitos ali, mesmo tendo essa desconfiança com o que ocorreu, não nutriam algo ruim por essa figura, já que segundo eles Tio Zé já havia feito muito pelo campo, defendido ele em outras vezes que havia sido ameaçado pela construção de um posto de saúde certa vez e outra de um conjunto habitacional. Organizou abaixo-assinados com líderes comunitários do bairro. Visitou a subprefeitura regional em reuniões para impedir a perda do campo. Mas desta vez parece que a proposta para que ele deixasse as coisas correrem foi alta. Me garantiram que recebeu 10 mil reais, que para ele uma pessoa bem pobre faria muita diferença. Essa é a conversa geral no bairro. Alguns até concordavam que era difícil resistir mesmo, que outros no lugar dele fariam o mesmo. Pra ele foi tudo muito fácil, só bastava não organizar a resistência desta vez. Algo que também desencorajou parte da resistência foi a possibilidade da ETEC, que foi entendida como a chegada do progresso. O próprio Fernando me disse que ficou tão empolgado que na época da mudança foi totalmente a favor. Depois de um tempo percebeu que o bairro tinha passado por uma perda.



(foto da partida entre Aliados e Palmeirinha)

A imagem abaixo representa a nova realidade do futebol de várzea, que é a utilização de gramados sintéticos pagos. Representa também a nova realidade dos times da COHAB, que precisam jogar fora do bairro para manterem a atividade.



(Aliados FC. Ano de 2016.)

Para fechar o capítulo decidimos colocar uma foto da atual ETEC, no local onde antes estava o campo. Quem não conhece a história daquele espaço tem a sensação de conquista e progresso para o bairro ao observar as instalações consolidadas, modernas e até imponentes eu diria. Mas ao adentrar um pouco mais na história e ouvir os moradores percebemos que ali

também ocorreu uma perda no uso do espaço antes destinado ao lazer, para alguns destes moradores.



(ETEC Raposo. Ano de 2012)

3 – UM ADVERSÁRIO PODEROSO.

Neste terceiro capítulo trataremos mais diretamente as questões teóricas envolvendo nosso tema geral, a perda do campo da Cohab Raposo, através da citação de inúmeros autores para embasar os argumentos. O título sugere as forças que estão por trás do fechamento do campo, forças estas tão poderosas que pensamos as vezes ser o decorrer normal dos acontecimentos o que ocorreu ali, numa atitude de pura aceitação, de resignação. As características do bairro e do campo, assim como as transformações que neles ocorreram continuam aparecendo e sendo comentadas, mas agora em contato direto com os autores e argumentos teóricos com os quais tivemos contato.

3.1 – A DIMINUIÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES NA CIDADE

Paulo César Gomes em seu texto “O silêncio dos espaços públicos” (2005), caracteriza o espaço público como um local que promove a sociabilidade e comunicação social, possibilitando o encontro entre as pessoas, o diálogo entre os indivíduos. Esta consideração é importante pois no cotidiano das metrópoles todos têm seu tempo extremamente escasso, mesmo os que moram bem próximos uns dos outros não mantêm um contato satisfatório, com suas obrigações diárias (principalmente ligadas ao trabalho).

Não sobra muito tempo para conversar com os vizinhos, as pessoas simplesmente se cumprimentam e comentam rapidamente as mudanças de tempo. Ali naqueles bairros o normal é que ocorra um deslocamento demorado dos seus moradores para ir e voltar do trabalho. Em horário de pico demora-se 2h em um deslocamento da Av. Paulista até a Cohab Raposo Tavares. Além de não sobrar muito tempo, as pessoas chegam tão cansadas que percebo que não existe também muita disposição. Os espaços que incentivariam essa vida em comunidade são escassos, isso dificulta. A existência do campo era uma possibilidade de contrapor essa lógica.

O mesmo autor nos leva a entender o espaço público não apenas como um espaço físico e na verdade segundo ele, essa não seria a característica definidora deste tipo de espaço. Os atributos principais do espaço são as relações sociais que ocorrem ali e a vida política (pública). Em minhas

andanças pelos times e campos de futebol de várzea tenho percebido que os participantes se sentem donos dos espaços e situações, donos não no sentido privado, mas coletivo mesmo, sentem que aquilo é deles (de todos). Eles tem um senso de cuidado e preservação física do campo que não tem por exemplo no espaço da rua. Quando chove e o campo fica cheio de lama os jogadores batem as chuteiras para tirar o excesso de lama fora do vestiário sem que ninguém peça. Quando alguém esquece acaba levando bronca dos companheiros. É só um exemplo desse cuidado.

Ainda nessa questão de ser público, temos outra característica. A oportunidade de reunir pessoas com várias características semelhantes em relação ao modo de vida. Pessoas com muitas semelhanças, mas também com algumas diferenças. O campo e os times é talvez o único espaço onde jogadores de 16 anos convivem com pais de família na faixa dos 30, 40 anos. É um lugar onde os jogadores católicos e evangélicos convivem bem, até na opção dos evangélicos em rezarem o 'Pai Nosso' e não a "Ave-Maria" antes dos jogos. Vejo as famílias entrarem em situações desconfortáveis em relação essa divisão em católicos e evangélicos e não vejo nos times de futebol. Tudo bem que em família, a situação é mais propícia para o debate. Um outro exemplo, ao entrar na universidade, aos poucos fui passando a frequentar outros lugares e tendo outros novos gostos, me distanciando um pouco dos amigos de infância do bairro. Com o futebol nós mantemos um bom contato e eles me identificam como uma pessoa "do contra", com opiniões diferentes, em temas por exemplo como machismo, manifestações, greves, religião. Esse é o caráter público que quero ressaltar, a reunião de pessoas diferentes e a convivência entre elas. Hoje praticamente apenas o futebol de várzea me mantém em contato com eles. E não foi uma escolha me afastar, mas sim as características de ocupação do tempo de cada um que impedem o convívio. Normalmente as pessoas se fecham em seus nichos, entre seus pares. O campo de várzea de alguma maneira, mesmo que um pouquinho, contrapõe essa tendência.

O caráter democrático, de acordo com Paulo César Gomes da Costa, é que define o espaço público, a vida em comum das pessoas, a coexistência

entre os indivíduos com a condição de que as diferenças entre esses indivíduos sejam respeitadas; Para ele

“Os espaços públicos são, nesse sentido, lugares onde os problemas são assinalados e significados, um terreno onde se exprimem tensões, o conflito se transforma em debate, e a problematização da vida social é posta em cena. Ele constitui, por isso, uma arena de debates, mas também um terreno de reconhecimento e de inscrição dos conflitos sociais. Por essa razão, esses espaços são marcadores fundamentais da transformação social.” (GOMES, 2012, p. 24)

Os campos de futebol de várzea possuem essas características de co-presença e de “publicidade” (caráter público) das ações entre os indivíduos, constituindo o que o autor chama de “espaço público”. Com a diminuição desses usos do espaço de caráter mais público e democrático, pareceu-nos possível problematizar as novas relações sociais (isso é, os novos usos) que se dão nesses locais. Sabemos que a significação do lugar muda com esse processo e a partir disso pretendemos entender para onde vai o debate, o encontro realizado por aqueles cidadãos se o espaço físico para o encontro foi perdido. Esse debate diminui, se perde totalmente ou é realizado de outra forma em outro lugar? Ao empreender a pesquisa percebemos que as duas primeiras possibilidades são infelizmente as mais realistas.

As periferias já foram descritas por vários estudiosos como locais com mais contato interpessoal e com “mais vida”. Ficar na calçada conversando ou as crianças jogarem bola e soltar pipa na rua era algo comum na periferia. Em bairros de classe alta a circulação de pedestres é menor. A lógica da grande cidade no século XXI também parece estar está suprimindo isto, o contato interpessoal entre os vizinhos vem diminuindo. As crianças ficam menos na rua, talvez pela quantidade de carros circulando ser muito maior em comparação a 20 anos atrás, talvez pelo atrativo que os celulares oferecem e que também afasta as pessoas fisicamente. Vejo grupos de *whatsapp* em que os moradores de condomínios ou mesmo da minha rua no Santa Maria (bairro ao lado da Cohab) resolvem coisas, dão informes que antes teriam que ser conversadas pessoalmente e agora não o são mais.

Ainda conforme o argumento de Paulo Cesar Gomes (2005), o número de espaços públicos vem diminuindo drasticamente, podendo ser identificado um “recoo dos espaços públicos” de acordo com suas palavras. Como dissemos na apresentação do trabalho, o que este autor chama aqui de “espaços públicos” tem todas as características do que Ricardo Mendes (1995) chamou de “espaços livres”. Ricardo se refere a espaço público por ser de uso de todos e sempre aberto, mas sem nenhuma conotação institucional.

Acompanhando a diminuição destes espaços de lazer livres/públicos – e como consequência disto –, se percebe uma perda clara na qualidade das relações entre as pessoas, sendo que a comunicação direta diminui substancialmente e o convívio com o outro fica dificultado. A perda de um espaço de lazer acarreta uma possibilidade a menos de relacionamento para as pessoas do entorno e consideramos isso um dificultador, algo que agrava o empobrecimento das relações pessoais na cidade

Com o aumento da automação de praticamente todos os circuitos produtivos modernos nas cidades, há uma concomitante diminuição da jornada de trabalho (já que o incremento tecnológico aumenta a produtividade, e diminui a necessidade de força de trabalho). Aumenta também a demanda por atividades de lazer nos espaços metropolitanos. Na década de 1960 os espaços livres da cidade começavam a escassear, principalmente em função do aumento do uso do solo urbano destinado à ocupação residencial e não-residencial (comercial, econômica). Para suprir estas demandas aumentadas por lazer, o poder público se torna ativo na implementação de áreas e equipamentos urbanos destinados a atividades deste tipo (parques, centros esportivos, praças), ao mesmo tempo em que proliferam os espaços de lazer privado, criando-se uma verdadeira “indústria do lazer”, com o consequente “consumo do lazer”, mais um ramo econômico que se constituiu na “cidade corporativa”; Para Ricardo

“A ação do Estado na esfera do lazer, por outro lado, relaciona-se com as necessidades criadas por outro aspecto, o qual não é excludente ao consumo conspícuo: a produção de espaços de lazer públicos, em geral, nasce articulada com interesses estranhos ao lugar. A emergência desses espaços procura responder a requisitos para a implantação dos nexos, especificamente na cidade de São Paulo, ao imporem temporalidades

hegemônicas determinada pela divisão social do trabalho.” (ANTAS JR. 1995, p. 20),

Esses novos espaços possuem enorme homogeneidade em sua configuração, e acabam por impor certo padrão de comportamento, com tudo “racionalizado” no seu lugar, no fundo podendo ser entendido através da análise da lógica do consumo e da racionalidade burguesa para seu funcionamento. Espaços estes que correspondem a interesses estranhos ao lugar. Como lembra ainda Ricardo Antas Jr. (1995, p. 78), *”O próprio parque, com sua organização interna, condiciona o seu uso, através do design interno”*. Já os espaços livres por seu turno, são heterogêneos, de uso comum a todos, ou seja, permitem uma apropriação coletiva do espaço para o exercício do lúdico, como eram os usos espontâneos já citados das várzeas na cidade de São Paulo.

Com a expansão da cidade e adensamento da periferia, muitos vazios urbanos ainda existiam na mancha urbana, usados muitas vezes como espaço para recreação como campos de futebol e “campinhos” em terrenos baldios. Maria Helena Preto ao analisar o uso dos espaços livres públicos na cidade de São Paulo afirma que *” Nos espaços de maior dimensão, o equipamento sempre presente é o campo de futebol. Alguns deles são oficiais, cadastrados pela Secretaria de Esportes, outros informais, com maior ou menor condição de precariedade”* (PRETO, 2009, p. 11). A mesma autora ainda nos diz que a presença dos campos preserva a tradição do futebol de várzea observada na utilização dos campos pela população, ainda que sem nenhum projeto de implantação ou proteção por parte do poder público. São espaços livres, de lazer.

Percebemos na primeira década do século XXI a diminuição desses espaços em virtude principalmente de usos ligados à especulação imobiliária. Ao mesmo tempo vemos proliferar espaços de uso privado, como academias e quadras de futebol *society*. Para Antas Jr.

“Por outro lado o processo de expansão periférica ainda incompleto, apresentava possibilidades de uso do tempo livre em espaços não institucionais, como no caso das várzeas, onde a prática de futebol e outras

atividades eram um fato ou no caso dos chamados terrenos baldios. No entanto, com o crescimento populacional, estes espaços livres começaram a escassear (seja pela prática do loteamento, seja pela prática das ocupações de terras).” (ANTAS JR, 1995, p. 69),

Gilmar Mascarenhas é um outro autor que se dedicou a temática urbana, tendo escrito alguns textos sobre o futebol e futebol amador (de várzea) para entender a formação de Brasil urbano. Ele confirma a hipótese de redução da quantidade de campos de várzea na cidade,

“Nas últimas três décadas, fatores diversos como expansão brutal do tráfego de veículos e especulação imobiliária proporcionaram uma forte redução do número de campos de várzea na cidade de São Paulo, embora se note uma quantidade expressiva destes na periferia metropolitana. Ao mesmo tempo proliferam campos fechados, de acesso pago, de uso social muito restrito.” (MASCARENHAS, 2002, p. 89)

Vemos que este autor confirma nossa hipótese de diminuição dos campos de futebol de várzea, relacionando a processos de reestruturação urbana, ligadas a necessidades econômicas de ocupação dos espaços que antes estavam livres.

Outra novidade na várzea atualmente é que se relaciona a essa questão do acesso pago ao campo é a transformação de campos “terrões” em gramados sintéticos, através do patrocínio de vereadores ou de empresas como a Brahma que tem um projeto de revitalização de aproximadamente 300 campos em todo o país. O projeto já está em prática, alguns campos de várzea da periferia de São Paulo já foram transformados em sintéticos. As empresas que instalam esse novo piso estão vibrando, é um nicho de negócio. Isso é bem polêmico. As pessoas da periferia subiram seu padrão de consumo nos últimos 15 anos, exigem uma qualidade material maior em tudo que participam, isso é ótimo. Mas também não é certo que atrelado a isso venha a exclusão de uma parte do público. Se por um lado permite que os jogadores da periferia atuem em gramados perfeitos, semelhantes aos que existem nos clubes da elite paulistana, possibilitando um jogo de melhor qualidade, por outro torna o espaço mais caro, já que são cobradas taxas de manutenção e aluguel desses

campos que passam pela transformação. Alguns times já ficam excluídos pela questão do custo. Pelo que pesquisei, o geral é que se cobre de 50 a 100 reais de times visitantes para atuar nesses campos, mesmo em jogos amistosos. Soube de times que preferiram ficar finais de semana sem jogar por só encontrarem campos pagos.

Pode ser que os campos sintéticos fiquem mais protegidos, mas por outro lado vira uma várzea elitizada, que perde um pouco do caráter democrático descrito por nossos autores acima. No geral os jogadores são a favor dessa transformação, pois jogar num gramado era algo raro para a maioria deles e não terão os jogos cancelados em finais de semana de chuva. Alguns outros sentem saudade da poeira subindo dos campos de terra. O ideal seria melhorar sim os campos, mas sem que eles perdessem o que tem de principal, o atributo de serem públicos e democráticos.

3.2- O ESPAÇO DA CIDADE COM NOVA FUNÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO.

Quando uma escola técnica estadual, que mesmo sendo pública atende aos interesses do capital privado, ocupa um espaço que anteriormente era completamente aberto e seu uso se dando de forma espontânea pela população local, fica evidente a presença de uma força diretiva, uma força de comando que impõe a sua lógica. Trata-se de interesses internacionais (mundiais), é o global se impondo sobre o local. A necessidade de formação de mão-de-obra para atuar no setor de serviços, que é também uma necessidade do sistema econômico e não apenas uma necessidade das pessoas que terão aquela formação, talvez tenha mais força do que a vontade das pessoas do lugar de usarem coletivamente o espaço para o lazer, para a realização de alguma atividade lúdica ou simplesmente para o encontro. Importa mais que se “produza algo” (mão-de-obra), do que deixar o espaço vazio para o lazer. Sabemos também que o que dita a demanda por mão-de-obra são imposições econômicas e não necessariamente o provimento de necessidades básicas para as pessoas. O resultado é que aquelas

peças são privadas também disso, da possibilidade do encontro, do lazer próximo de casa, pois aquelas forças estranhas e vindas de longe se colocam com mais força por serem uma necessidade do sistema econômico. Como se não bastasse todas as privações do dia-a-dia, como saúde, educação, transporte, moradia, alimentação, mais uma vez as pessoas do bairro se deparam com a negação ao direito do uso dos equipamentos, dos espaços, da cidade.

“Daí a importância de examinar a configuração territorial e verificar em que medida, a adequação da metrópole para o funcionamento das ações hegemônicas vem prejudicando a maioria de sua população e agudizando a contradição abundância-escassez, riqueza-pobreza.” (Souza, 2004, p.19)

Se observarmos os cursos oferecidos na ETEC Raposo Tavares (logística, informática, administração, secretariado e química) fica claro que é o setor terciário que recebe atenção especial. É ramo da atividade econômica que ocupa maior espaço da vida da cidade nesse começo de século XXI, atendendo a interesses da globalização que se coloca sobre a lógica anterior, que mantinha o espaço do campo de futebol como satisfazendo anseios daquela população do bairro.

O Estado constrói a infra-estrutura necessária para a realização das atividades econômicas determinadas pelo capital. *Como salientamos, é com seu poder que o Estado define as leis que normatizam e disciplinam os usos, criando funções que modificam os lugares da cidade em função do processo que produz o espaço como nova raridade.” (Carlos, 2004, p.72).* Lutamos por melhor qualidade na educação e mais escolas, o problema é que a ETEC que ocupou o espaço do nosso campo se enquadra também aos interesses do setor de serviços modernos, que ganhou força ao mesmo tempo em que o número de empregos no segundo setor diminuiu na cidade. Dessa forma as transformações espaciais tem

a ver com essa mudança na dinâmica econômica da cidade. Nesse sentido o Estado cumpre o seu papel viabilizando e concebendo a infra-estrutura para atender a demanda do capital no momento atual. Entendemos que essa intervenção mudando a função do espaço do campo é um exemplo característico desse processo, de reconfiguração espacial.

Os cursos oferecidos na ETEC Raposo Tavares como citamos acima são: Administração, contabilidade, logística, informática, informática para internet, química e secretariado. Não estamos fazendo propaganda para os interessados em prestar o vestibulinho. Queremos argumentar como a função da ETEC é em grande parte servir mão-de-obra para o setor de serviços ligado as transformações espaciais e que tem um impacto na vida cotidiana do bairro. Destes cursos citados, apenas o de química se encaixaria mais na indústria. Os seis outros cursos existem para ocupar vagas de trabalho no terceiro setor. Vale citar a professora Ana Fani para embasar nosso argumento:

“Assim, o processo de reprodução do espaço na metrópole, contexto mais amplo do processo de urbanização, a) marca a desconcentração do setor produtivo, e a acentuação da centralização do capital na metrópole; bem como cria um outro conteúdo para o setor de serviços (basicamente o que se desenvolve é o financeiro e de serviços sofisticados e com ele, uma série de outras atividades de apoio como aquela de informática, serviços de telecomunicações); b) aponta para um novo momento do processo produtivo em que novos ramos da economia ganham importância – trata-se, particularmente, do que se chama de “nova economia” contemplando o setor de turismo e lazer bem como a redefinição de outros setores, como é o caso do comércio e serviços para atender o crescimento destas atividades.”
(Carlos, 2004,p.53).

Em décadas anteriores os cursos técnicos eram voltadas para atender a indústria. Com a mudança na dinâmica econômica, essas ETEC's estão mais voltadas na formação de trabalhadores que ocuparam vagas principalmente no setor de serviços. As indústrias instaladas em São Paulo aos poucos foram migrando

para o interior. Ainda existem muitas indústrias em São Paulo, mas agora não é mais a sua função principal. Apesar de ter perdido indústrias, a cidade nem por isso perdeu importância, na verdade permaneceu com a mesma força ou mesmo ganhou importância. As instalações industriais foram para o interior, mas as decisões são tomadas na capital, o comando permanece aqui, os escritórios. Houve desconcentração industrial, porém o capital se centralizou na metrópole. A cidade industrial passou a ser uma cidade financeira e agora necessita de uma série de atividades acessórias que dão suporte e base para o bom funcionamento desta nova função. O poder da metrópole não foi ameaçado. É possível que ele tenha aumentado.

Seria meio maluco criticar a construção de uma escola. O que propomos questionar é a contradição entre um uso ou outro do espaço daquele bairro. A escola é muito boa para as pessoas da região, mas está muito mais próxima de representar um valor de troca do sistema se comparada a um terreno vazio servindo como campo aberto para a população. O campo é muito mais um valor de uso. Como tudo na sociedade capitalista, entendemos que aí se configura esta contradição, entre valor de uso e valor de troca, entre o campo e a escola. Não foi possível ter os dois convivendo, um teve que prevalecer, e como a regra numa sociedade capitalista foi o valor de troca que prevaleceu, confirmando a tendência.

Mas seria muita prepotência dizer que o capital financeiro veio para acabar com o campo de futebol. Em alguma instância desse processo de mudança de funções no espaço o campo será atingido. Primeiro as intervenções se darão no centro. E talvez numa reação em cadeia, os outros espaços da cidade, mais distantes, esquecidos e conseqüentemente menos valorizados sucumbirão a nova dinâmica. Esses espaços da periferia possuem funções acessórias em comparação com as áreas mais centrais,

por isso achamos que em última instância talvez, sua mudança de uso faz parte deste mesmo processo, da metrópole do século XXI.

Quando Ana Fani afirma que *“o modo como o capital financeiro se realiza, em parte por meio do processo de produção do espaço, é bastante complexo, mas fundamental para desvendar o circuito que produz o edifício corporativo”* (Carlos, 2004 p.71), ela está focando nas alterações espaciais realizadas em áreas mais centrais, como a Faria Lima, Paulista, Berrini, Jardins, Itaim, Marginal Pinheiros, entre outros lugares. Os edifícios de alto padrão e eficiência, com tecnologias das mais modernas que nos fazem lembrar o cinema de ficção. Eles serão alugados como escritórios para as grandes empresas, realizando a cidade não mais industrial e são a base para entender a cidade voltada para o setor de serviços, como argumenta essa autora. Não à toa, quando os ônibus saem lotados da COHAB os pontos da Faria Lima e Paulista estão entre os que mais desembarcam passageiros.

O nosso campo de futebol tomado pela escola técnica é uma consequência disso. Toda a nossa argumentação acima vem no sentido de explicar essa situação, que a perda do nosso campo é uma reverberação do que acontece nas áreas mais centrais. A existência da escola técnica, formando gente para o terceiro setor é um desdobramento das novas atividades que dominam a cidade e se realizam e iniciam naqueles edifícios.

Reafirmamos que a intenção não é simplesmente julgar a chegada da ETEC. Se fosse para julgar diríamos que é ótimo. Uma escola técnica, inclusão no mercado de trabalho, para as pessoas do bairro que nunca tiveram muitas oportunidades, é coisa linda. O nosso questionamento reside no fato de supressão do campo para a construção daquela. Não podemos colocar os direitos dos moradores em prateleiras, em níveis de importância. Se pensássemos assim, claro que educação, moradia, saúde estariam no topo. Certamente o lazer não estaria. Mas acontece que nossa

premissa é outra. Se são direitos, não tem essa de mais ou menos importante, são inegociáveis, todos deveriam ter acesso. Estão transformando alguns direitos em serviços a serem comprados. O direito ao lazer tem sido vítima disso.

3.3 – A PERDA DE CIDADANIA

Uma pergunta permeia toda a nossa pesquisa: Porque as pessoas daqueles bairros não podem ter o lazer e as escolas ao mesmo tempo? Porque precisam escolher entre um ou outro? Quando Milton Santos diz que no Brasil parece que não existe cidadania, ou que ela só existe para uma parcela da sociedade ou mesmo que a cidadania existe, mas é uma cidadania incompleta, ele é preciso na sua análise. O nosso exemplo se encaixa perfeitamente com esse pensamento.

Temos mais um caso parecido nas vizinhanças da Cohab Raposo. No Jardim João XXIII existiam 2 campos e no lugar deles foi construído um CEU. A prefeitura de São Paulo cedeu um espaço anexo ao CEU para a existência de um campo de várzea, que foi uma exigência fortíssima dos moradores e frequentadores dos antigos campos. O CEU oferece várias atividades esportivas e culturais, então na verdade ocorreu um ganho qualitativo, considerado também que os moradores ainda tem um campo de várzea para aproveitar. Na COHAB não existe mais nenhum campo.

As escolas construídas ali (ETEC, CEU) são importantes para as pessoas, mas os campos de futebol, ou melhor, os espaços públicos, também o são. Talvez a escola seja mais importante, não sabemos ao certo. Mas o que queremos argumentar é que o lazer também é um direito, aqueles moradores precisam ter um meio de realizá-lo.

“Direitos inalienáveis do homem são, também, entre outros, a educação, a saúde, a moradia, o lazer. Prover o indivíduo dessas condições

indispensáveis a uma vida sadia é um dever da sociedade e um direito do indivíduo. Esses bens, públicos por definição, em nosso caso não o são realmente. Para a maioria da população são bens públicos, mas a obter privadamente; não são um dever social, mas um bem de mercado, Por isso mesmo, os pobres carecem de saúde, de educação, de moradia e lazer.” (Santos,1987 p. 124)

Esse trecho acima parece confirmar a ideia de que se os moradores daqueles bairros são impedidos de ter acesso a um espaço público de lazer, no caso os espaços foram suprimidos, a cidadania ali não se dá de forma completa. O bairro precisa das escolas, de postos de saúde, de moradia e também dos espaços públicos de lazer. Necessitamos uma mudança de modelo cívico, onde direitos não sejam mais vistos como privilégios ou como produtos a serem comprados no mercado. Milton Santos nos adverte para não pensar tudo em termos econômicos.

A cidadania não se realiza e não só pela ausência do lazer, mas também pela falta do direito a palavra. Que os organismos formais e legais ignorassem as pessoas infelizmente já era esperado, mas nos parece ainda mais grave quando as pessoas nem sequer sabem que tem o direito a palavra, ou seja, elas se acostumaram a não ser cidadãos, foi naturalizado isso;

“Nessa situação, as populações locais devem ter direito à palavra, não apenas como parcela viva da nação ou de um Estado, mas como membros, ativos de uma realidade regional que lhes diz respeito diretamente, e sobre o qual não dispõem de um recurso institucional para que a sua voz seja ouvida.” (Santos, 1987, p.119)

O trecho acima confirma a ausência de cidadania, ou a cidadania incompleta. Os moradores não foram consultados em nenhum momento sobre as decisões que iria alterar o espaço em que vivem. Eles foram ignorados, como se o bairro não lhes dissesse respeito. Não se conquista direito que não se conhece. E é exatamente isso, o bairro, assim como qualquer outro espaço da cidade não é mais local, e sim global, no sentido de atender os

interesses da estrutura econômica que é imposta nas zonas de comando do capitalismo.

O direito ao entorno, de que fala Milton Santos, parece não existir; *“A geografização da cidadania supõe que se levem em conta pelo menos dois tipos de franquias, a serem abertas a todos os indivíduos: os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno.”* (p. 121). Temos a impressão de que é como se as pessoas tivessem direito apenas sobre a sua casa. Ao sair de casa acabou, o bairro não lhes pertence mais. O bairro faz parte de outra instância agora, ele atende a vontades que vem de longe, e são estranhas aos moradores.

E a vida de todos tem de se subordinar ao que é melhor para a economia. A realização da vida está em segundo plano, a economia tem de se realizar com sucesso em primeiro lugar. A cultura, as instituições não formais (como são os times de bairros, as ligas), estão subordinadas a economia. Dessa maneira não se realiza o ser humano em sua plenitude, pois os encontros entre eles fica dificultado. O espaço que lhes proporcionava o encontro, o viver em comunidade, onde compartilhavam a vida, onde superavam o isolamento e driblavam o egoísmo e individualismo, esse espaço não existe mais. Aquelas pessoas são forçadas a ser individualistas;

“A sociedade é mais que a economia. Um modelo que apenas se ocupe da produção em si mesma (ainda que as diversas instâncias produtivas sejam incluídas: circulação, distribuição, consumo), nem mesmo para a economia será operacional. A sociedade também é ideologia, cultura, religião, instituições formais e informais, território, todas essas entidades sendo forças ativas. O econômico pode parecer independente em seu movimento, mas não o é. A interferência das demais entidades que formam o corpo da nação corrige ou deforma ou, simplesmente, modifica as intenções do planejamento econômico, sobrepondo-lhe a realidade social.” (Santos, 1987 p.96)

O direito a diversão foi suprimido, já que agora a solução é buscar o lazer privado (mesmo que seja nas quadras de *society*,

em que o uso se dá mediante aluguel de um horário). Mas aquelas pessoas são pobres, muitas não podem arcar com mais esse custo. Agora o lazer não é mais para o cidadão, e sim para o consumidor.

Deve-se pensar em atender também outras áreas, pois se só a economia é atendida, as pessoas não o são. Principalmente os mais pobres, já que alguns bens públicos parecem ser exclusividade dos mais bem localizados, considerando a desigualdade territorial na distribuição dos equipamentos.

3.4 – REALIZAÇÃO DA ANTICIDADE

“...para permanecer habitante há que ser morador, há que ser aquele que usa, que delimita territórios de uso.” (SEABRA, 2004, p. 183)

Nos termos de Henri Levebvre, a cidade é o local onde as pessoas, aproveitam, desfrutam e não simplesmente sobrevivem, que é o que temos visto atualmente, infelizmente. Para ele, o que se realiza hoje já não é mais a cidade, e portanto, precisamos buscá-la. Quando os moradores perdem o seu espaço de lazer, aquilo para eles é menos cidade ainda, ou deixa de ser cidade para se tornar outra coisa.

“Uns pensam que é preciso dar razão a anticidade contra a cidade, e que a modernidade se define pela não-cidade (nomadismo, ou então proliferação indefinida do habitat). Esse fenômeno não pode ser elucidado senão com uma análise dialética e através do método dialético. A indústria surgiu efetivamente como a não-cidade e a anticidade. Ela se implantou ao sabor dos recursos que empregava em seu favor, a saber, as fontes de energia, de matérias-primas, de mão-de-obra, mas ela atacou as cidades no sentido mais forte do termo, destruindo-as, dissolvendo-as. Ela as fez crescer desmesuradamente e provocou uma explosão de suas características antigas (fenômeno de implosão-explosão). Com a indústria, tem-se a generalização da troca e do mundo da mercadoria, que são seus produtos. O valor e o valor de uso quase desapareceram inteiramente, não persistindo senão como exigência do consumo de mercadorias, desaparecendo quase inteiramente o

lado qualitativo do uso. Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constitui a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização do produto.” (LEFEBVRE, 2008 p. 83)

A escola técnica, ou os condomínios construídos são bons para algumas pessoas, mas devemos perceber que antes de atender aos estudantes ou novos moradores que se beneficiam, essas novas construções atendem a uma demanda capitalista. Se fosse só pelas pessoas, não seriam construídos, o campo permaneceria lá. Mas é que tanto a escola quanto os prédios estão ligadas ao valor de troca, no sentido de reprodução de mão-de-obra para o sistema, valorização do espaço e remuneração dos grandes proprietários. O campo era valor-de-uso, estava mais ligado positivamente a vida das pessoas. Mas o valor-de-troca se apoderou do espaço, e isso acontece em todas as esferas da vida social.

Lefebvre sugere que habitar é diferente de habitat. Habitar é aproveitar o espaço ao entorno da moradia, é desfrutar do bairro, da cidade. Habitat é apenas morar, o lazer está separado disso. Nos parece que a COHAB Raposo se tornou ainda mais habitat em detrimento do habitar.

3.5 – FRAGMENTAÇÃO E SEGREGAÇÃO ESPACIAL.

A cidade de São Paulo em sua fase industrial já é uma cidade moderna, no sentido de que foi formada por processos da economia capitalista mundial. Mas parece que ele vai se modernizando cada vez mais com o passar dos anos, com o surgimento de novas dinâmicas econômicas que transformam o seu espaço. Por exemplo, a troca do campo pela escola técnica possui esse ar de modernização. Ou a construção de prédios em outros campos. Nas visitas ao bairro ouvi coisas como “o bairro progrediu com a chegada da ETEC”. É a idéia de progresso que está posta. Mas porque este progresso tem que passar por cima de outras

demandas da população? Em nossa opinião seria progresso se a ETEC chegasse e o campo fosse preservado.

Da alguma maneira, a existência do campo dava um ar de tradicionalismo ao bairro, pois as pessoas tinham a função do lazer ligado à moradia. Agora isso é impossível, o lazer deve ser buscado em outro lugar, fenômeno que os estudiosos da realidade urbana chamam de segregação, ou seja, quando uma localidade é privada de algum direito social, ou de algum equipamento urbano que permita a realização da sua vida social em completude. Segundo Lefebvre, *“os elementos da sociedade são implacavelmente separados uns dos outros no espaço, acarretando uma dissolução das relações sociais”* (2008, p. 84). E os lazeres nesse caso, estão nas áreas centrais ou privilegiadas, é só visualizarmos a localização dos estádios, dos equipamentos culturais, dos parques na cidade de São Paulo. Nesse sentido a segregação se realiza, já que uma determinada parcela da população fica excluída em relação ao lazer. Um dia vou morar mais ao centro, para toda semana ir na Cinemateca, ou no Cinesesc, Ou no Belas Artes, sem tanta dificuldade e demora para o deslocamento.

Um outro processo chamado de fragmentação espacial se realiza (ou melhor, se aprofunda). Segundo Teresa Barata Salgueiro, *“hoje os espaços de ação dos indivíduos são formados por pontos distantes uns dos outros”* (p. 248) e ainda, *“O próprio bairro enquanto extensão, suporte de práticas quotidianas e de relações sociais perde sentido”*. Para esta autora, as características principais desse processo são: proliferação de implantações pontuais isoladas das características do entorno (exemplo, um condomínio próximo a uma favela) e queda do centro tradicional e multiplicação de novas centralidades. Assim, se forma uma organização policêntrica, diferente daquela organização hierárquica da cidade de períodos anteriores. Para esta autora a fragmentação é *“a existência de enclaves territoriais distintos e*

sem continuidade com a estrutura sócio-espacial que os cerca. A fragmentação traduz o aumento intenso da diferenciação e a existência de rupturas entre os vários grupos e territórios” (SALGUEIRO, 1998, p.247)

Odette Seabra no trecho abaixo, fala tanto em segregação quanto em fragmentação;

“Na sua materialidade, a metrópole vai sendo composta por justaposições sucessivas, que aparecem como mosaicos desconexos. Isso é muito diferente da cidade que tinha uma centralidade pressuposta (o velho centro) para onde tudo convergia, e de onde se articulavam espaço e tempo produtivos. A segregação transparecia na oposição do centro com o não centro e expressava a conjunção da cidade, dos bairros e dos subúrbios. Na concentração urbana metropolitana foram sendo aprofundadas as separações, pois, não só o centro (velho centro) foi sendo aniquilado como as camadas de melhor renda da sociedade passaram a viver a experiência da retirada dos bairros centrais, com a formação de territórios exclusivos.” (2004, p. 184)

O que pude verificar nas conversas com os moradores é que essa fragmentação em relação ao lazer, diminui a qualidade de vida, pois os jovens diziam que para trabalhar iam para um lugar, para estudar outro lugar, para o lazer outro lugar, para compras outro lugar. Às vezes, por causa da distância desistiam de sair e preferiam ficar nas suas casas mesmo descansando para um novo dia ou semana de trabalho. Isso é reflexo de uma cidade com estrutura fragmentada, não há uma continuidade, um único centro que congregue tudo.

Em um exemplo, um deles me disse que trabalhava no centro, fazia faculdade na Paulista, frequentava os bares de samba em Pinheiros ou Vila Madalena, fazia compras no Butantã mesmo e com a ausência do campo passou a frequentar uma quadra de *society* num bairro da zona Sul com amigos do trabalho. Se o campo ainda existisse, ao menos esse deslocamento de domingo para jogar bola seria evitado. Se o seu lazer é um campo de futebol e antes você o tinha no bairro, é perceptível um vínculo

mais profundo, mas se você agora vai para outros campos só para o futebol, não acaba criando alguns vínculos que se tinha anteriormente.

Odette Seabra comenta que a cidade é uma questão de sociabilidade e espontaneidade, mas quando essa cidade tem o seu espaço completamente submetido a lógica capitalista, ela passa a ser anticidade. Complementando a discussão acima, esta autora nos diz:

“Os desejos, mesmo sendo sociais, têm que se resolver no indivíduo particular enquanto satisfação de necessidade. O desejo cada um o sente. Entre o desejo e a necessidade situa-se a frustração que vai compor o universo das carências. Carências do homem urbano em geral traduzidas por pobreza de vínculos sociais, escassez de tempo, falta de dinheiro (relativamente ao dinheiro não há limite), entre um rol quase inumerável.” (SEABRA, 2004, p. 192)

O futebol aos domingos, tão esperado durante a semana, agora é um desejo difícil de se realizar, com mais obstáculos a transpor para realizá-lo. Para muitos outros do bairro, que não estão dispostos (ou não tem possibilidade) a driblar a distância para outros campos e o fator dinheiro, se concretiza mais uma carência. Mais uma carência para os pobres da cidade, segregação em relação ao lazer.

“A metamorfose da cidade em metrópole, ao mesmo tempo que afirmou positivamente a cidade, realizou a anticidade que, para além da materialidade urbana, era a negação do ideário civilizatório da cidade. Mas, por dentro, como um fio que liga todo o processo, estavam as transformações nas formas de uso do tempo, motivadas pelo aprofundamento na divisão do trabalho com diversificação progressiva do emprego e incorporação de ocupações domésticas nos circuitos de trabalho, pela ampliação da escolaridade e pelas novas tecnologias que chegavam ao cotidiano” (SEABRA, 2004, p. 188)

O trecho acima parece que foi escrito sob medida para o nosso trabalho, ao falar das transformações nas formas de uso, e da exigência de escolaridade e das novas técnicas (a escola

técnica é resultado dessas novas exigências), tornando as funções no trabalho cada vez mais especializadas, com a necessidade de formação para a entrada no mercado.

3.6 – MUDANÇA NO AMBIENTE DO BAIRRO

Viver na cidade não significa apenas morar nela. Viver na cidade significa aproveitá-la, usufruir de seu espaço. Com as mudanças na funcionalidade do espaço, no sentido de racionalização, adequação ao sistema econômico, percebemos que cada vez menos os cidadãos aproveitam o espaço que deveria ser seu de direito. E então quem tem alguma condição financeira busca uma fuga em relação a cidade:

“Mas o cidadão sente-se sufocado no seu meio de pedra e cimento; ele aspira a pisar a terra e não continuamente o asfalto, a respirar outra coisa que não um ar carregado de gás de escapamento. Ele se lança em direção às saídas da aglomeração urbana, a partir do instante em que seus lazers lhe permitem aproveitar um raio de sol.” (P. George, 1983 p. 185).

Quando as pessoas do bairro perdem o direito de usar o campo, eles perdem um espaço que é anexo às suas residências e conseqüentemente passam a viver menos a cidade, eles perdem o seu quintal, o lugar onde pisariam a terra e não somente o asfalto. Perdem o espaço do lazer, onde era possível aproveitar um raio de sol e não apenas gás de escapamento e buzinas de automóveis que é o que acontece durante a semana na rotina do trabalho. Pierre George nos mostra caminhos nessa discussão:

“o habitante da cidade não apreende mais o conjunto urbano. O seu ambiente não vai além dos limites do seu meio residencial, conjunto de apartamentos modernos, pequenos grupos de casas, no máximo o bairro tradicional, limitado por um obstáculo que ele só ultrapassa ou contorna excepcionalmente: uma rodovia, uma estrada de ferro um terreno baldio... nem além das imediações de seu local de trabalho e do cordão umbilical que

une um ao outro, linha de transporte coletivo ou rodovia.” (P. George, 1983 p.186)

E é exatamente como o descrito pelo autor. O espaço em que as pessoas realmente usam (desfrutam) é diminuído ou totalmente suprimido. Enquanto o espaço em que eles passam (de carro ou ônibus em direção ao trabalho) aumenta. Agora o seu espaço é apenas a casa, a circulação pelo bairro diminui. E ainda de acordo com o autor:

“Perdido em um universo de concreto, labirinto de vias organizadas que se ligam a anéis rodoviários sobrecarregados de automóveis, ele não se sente mais um habitante, no sentido de que ele perdeu a ideia de que poderia participar da posse de sua cidade, ser, de uma maneira ou de outra, responsável pela sua administração e manutenção. Ao contrário, sente-se, às vezes, agredido pelo meio e toma mesmo uma atitude hostil para com ele.” (P. George, 1983, p. 186)

O espaço do bairro não tem mais a ver com as necessidades dos seus moradores, o lazer é uma necessidade, é parte da vida social. A identificação não é mais como antes, as pessoas não sentem aquilo mais como o seu ambiente, em que podem participar. Na verdade, agora como escola, o espaço do campo é um ambiente institucional, com as regras do estado e atendendo primeiro a interesses de outro lugar, interesses globais da economia. O espaço dos moradores foi tomado.

O espaço do lazer foi tomado e agora aquelas pessoas podem procurar o lazer em outro lugar ou podem simplesmente ficar sem ele. A segunda opção é mais cruel, pois o momento do lazer é tido aqui como uma necessidade importante, frente ao stress da vida moderna. A primeira opção exige um dispêndio de dinheiro, ou seja, nem todas as pessoas do bairro conseguiram realizá-la. São opções os shoppings centers, os clubes, ou quadras e campos de *society* mediante ao pagamento de uma taxa para o aluguel de um horário. Mas de fato, vive-se menos a cidade,

ela fica cada vez mais chata, pois torna-se somente o local para as obrigações:

“Com uma intensidade ainda muito desigual, a cidade aparece hoje como um local repulsivo quanto ao lazer. O cidadão suporta mal a obrigação de viver de uma maneira constante no interior da cidade. Aí os lazes só dispõem de um mínimo de soluções diversamente organizadas: jardins, campos de entretenimento e estádios de competições-espetáculos... O cidadão, especialmente da Europa Ocidental ou da América do Norte, tem necessidade de escapar da cidade: o barulho, os odores, a monotonia da vida em apartamento, do emprego, do bar que atrai sem satisfazer, levam a uma evasão cheia de contradições” (P. George, 1983, p.201)

Mesmo os moradores que não frequentavam o campo de futebol, se sentiam identificados com o espaço do campo. A maioria deles pelo menos, pois ouvi coisas como: “o campo só servia pra jogar bola”, como se isso fosse nada e “era lugar pros cara fumar maconha”, quase que comemorando a perda do campo. Mas, segundo a maioria dos relatos, só o fato de ele existir, já dava uma outra atmosfera, o bairro era mais vivo, mais agitado. Para os que frequentavam, sentimos nas conversas, que uma dimensão do lazer se perdeu. Agora o lazer ou é longe de casa, mesmo que dentro da cidade, ou somente no período de férias quando podem visitar parentes, ou ir em alguma praia do litoral de São Paulo por alguns dias. O lazer de cada final de semana ou é diferente qualitativamente ou simplesmente não existe mais. Essa diferença qualitativa se revelou para nós quando os moradores falaram das distancias agora para se conseguir um lazer, e pela diferença de convenções. Agora as coisas são mais medidas, já que antes, podiam ir de chinelo para o campo, podiam ficar sem camisa, podiam fazer barulho.

3.7 – RAZÃO INSTRUMENTAL NO ESPAÇO.

Segundo Olgária Matos, a crença no progresso, na operacionalidade e no desenvolvimento técnico-científico, a serviço da destruição produtiva da cidade, *“desbasta o terreno de*

tudo o que possa significar obstáculo à circulação da mercadoria e à livre acumulação do capital” (1983, p. 45). É exatamente isso que percebemos, a construção da escola técnica no lugar do campo, não é nada mais que destruição produtiva, usando os termos da autora. Talvez o campo naquele momento fosse mesmo um obstáculo a livre acumulação do capital, então precisava ser substituído por algo mais eficiente dentro da lógica da mercadoria, por algo que produzisse mais, de alguma maneira (ou de muitas ou todas as maneiras) a escola técnica é isso.

De acordo com essa autora, uma razão instrumental aliada a economia de mercado se instala sobre a cidade constituindo a metrópole. Nesse sentido o espaço qualitativo (que poderia ser o nosso campo) se transforma em espaço quantitativo (que pode ser a escola ou os condomínios) e a cidade do valor-de-uso se transforma em metrópole do valor-de-troca. *“No mundo espacializado do trabalho, a intenção do trabalhador, sua vida moral enquanto pessoal, sua afetividade, importam pouco; para a sociedade ele só conta enquanto engrenagem...”* (1983, p. 46). Não importa se para os moradores do bairro o campo representa afetividade, se para eles é interessante mantê-lo. Quando essa razão produtivista se impõe o espaço deverá ser usado para o que ela considerar mais lucrativo.

A autora ao analisar e concordar com o que a Escola de Frankfurt (vertente de pensamento que reunia estudiosos alemães dedicados a analisar a sociedade) escreveu a respeito, nos diz que essa racionalidade da mercadoria que agora governa o espaço, é baseada na matemática, na ordem e na medida. O sentido anterior, que tinha o espaço como algo pertencente ao grupo, como algo de apropriação comunitária, com seus micro-lugares (talvez o campo), com suas festas, e suas aventuras, esse sentido anterior se perdeu. *“A metrópole é, deste ponto de vista, a sede da economia e mercado, à qual se alia a razão calculadora e ordenadora da vida social.”* (1983, p. 48) e ainda *“a metrópole lança mão da estratégia*

da ordem e da medida, a fim de controlar o espaço social e garantir a circulação impune da mercadoria” (1983, p. 48).

Nas conversas com as pessoas ligadas ao campo, percebemos uma certa nostalgia, um sufocamento de lembranças ao recordar o que já foi uma vivência material, com forte sentido lúdico para eles, e que ficou para trás com a perda do campo. Pela empolgação, sentimento e até esperança com que falavam sobre os episódios e história do local, ficou evidente para nós a importância que aquilo tinha e a violência imposta aquelas pessoas com a mudança no uso do espaço.

3.8 – TRANSFORMAÇÕES DA ECONOMIA E CONSEQUÊNCIAS NO ESPAÇO DA CIDADE.

No final do século XX, a cidade de São Paulo, como metrópole, assume um novo papel na realização do valor em escala internacional. Segundo Saskia Sassen;

“No início da década de 60, a organização da atividade econômica entra em uma fase de profunda transformação. A mudança se expressa pela alteração da estrutura da economia mundial e ao mesmo tempo assume formas específicas em determinados lugares. Os aspectos conhecidos desta transformação é o desmantelamento de antigos centros de poder industrial nos Estados Unidos, no Reino Unido, mais recentemente e cada vez mais no Japão, assim como a acelerada industrialização em vários países do terceiro mundo. Um aspecto menos familiar, talvez, seja a rápida internacionalização da indústria financeira na década de 80, que incorporou uma multiplicidade de centros financeiros em uma rede mundial de transações. Finalmente, avanços na tecnologia da informática e das telecomunicações facilitaram a dispersão de tais centros no mundo todo e, ao mesmo tempo, a sua participação em mercados internacionais.” (SASSEN, 1993, p. 187)

Algumas mudanças citadas pela autora ocorrem primeiro nos países centrais e alguns anos depois são sentidas nos outros países. Outras mudanças ocorrem simultaneamente, pois os

processos estão interligados. Dessa forma percebemos que São Paulo perde um pouco do seu papel industrial, que marcou a cidade na primeira metade do século XX, e passa também a ser uma cidade com importância financeira destacada. As posições de comando e tomada de decisões em grandes escritórios também aumentam, mesmo que longe de ser comparadas as grandes cidades do Hemisfério Norte. São Paulo é uma cidade global, e isso não se refere apenas ao tamanho da população. Refere-se muito mais a economia, ao ambiente de negócios, tecnologia, investimento estrangeiro, conectividade aérea, inovação. Um estudo da Civil Service College de Cingapura e da Chapman University elegeu as cidades mais influentes do mundo. São Paulo é a mais influente da América Latina, a 23ª no mundo, a frente de Miami por exemplo. Não é qualquer coisa. É deste ambiente que estamos falando.

As alterações e novas exigências do capitalismo vão transformar o espaço dentro da cidade, provocando impactos no aspecto social. É fundamental pensar que qualquer cidade no capitalismo terá seu espaço urbano com formas que satisfaçam a circulação e realização do capital.

Na nossa análise a perda dos campos pode significar o capital se apropriando de novos espaços, ou seja, uma expansão do sistema, se considerarmos que o campo era apenas um espaço vazio, um território ainda não transformado pela lei do valor. Pode ser também uma reconfiguração ou reordenação de um espaço que já era usado pelo sistema, mesmo como reserva de terras e até reproduzindo uma forma de sociabilidade competitiva (o futebol de várzea também o é) própria do capitalismo.

A escola técnica é antes de tudo, necessidade física para reprodução do capital. Antes mesmo de ser necessidade de educação ou formação para o trabalho das pessoas, dos indivíduos. César Ricardo Simoni Santos nos diz;

“A necessidade de aceleração dos fluxos ou de expansão das forças produtivas recai inevitavelmente sobre uma nova reordenação espacial, seja a partir do reequipamento infra-estrutural do espaço ou de uma ampliação das capilaridades territoriais dos processos reprodutivos.” (SANTOS, 2006, p.112)

O campo talvez funcionasse como um estoque espacial, um território-reserva, esperando por investimentos ou valorização quando o sistema precisasse. A escola técnica valorizou o bairro, subiu o preço dos imóveis. Até nisso ela se enquadra como sobreposição dos interesses econômicos aos sociais, considerando que o lazer que o campo propiciava é um aspecto importante para as pessoas do bairro aproveitarem o seu entorno, aumentando as possibilidades para o convívio.

“(os espaços metropolitanos) para que continuem a produzir tal acumulação devem ser capazes de manter no seu interior territórios não-capitalistas que, na forma de reservas, tenham a função de resolver de maneira eficaz as sucessivas crises de expansão-acumulação do próprio sistema territorial metropolitano.” (ROBIRA, 2005, p.10)

A citação acima nos parece ter grande relação com o que se sucedeu na COHAB Raposo. O espaço do campo como um território de reserva para ser ocupado com funções mais produtivas ao sistema econômico no momento de expansão da cidade e enquadramento dela a uma lógica mundial.

O Estado (por meio das prefeituras e governos estaduais) participa de tudo isso, alinhado as demandas do mercado. Com seu poder de lei e força ele desempenha esse papel, removendo as pessoas e objetos inconvenientes aos novos investimentos. Pessoas formadas nos cursos da escola técnica (cursos definidos pela demanda do mercado) são mais úteis ao sistema do que jogadores de várzea de fim de semana. O Estado faz a mediação jurídica para que o capital se realize no espaço e ainda constrói a infraestrutura, financiando o lucro (também a extração de mais-valia) das empresas para as quais aquelas pessoas trabalharam. O

espaço não é mais social e histórico, ele agora é para o negócio. O morador da cidade se percebe num conflito em que o estado e o capital atuam contra ele. Este morador, é apenas morador, no sentido de habitat e não habitar, pois não tem direito a expressar sua vontade. As decisões sobre o espaço de entorno a sua moradia são estranhas a ele, tomadas em algum lugar distante.

CONCLUSÃO

A intenção da nossa pesquisa foi discutir a transformação espacial que se deu na COHAB Raposo, com a substituição do campo de futebol de várzea pela construção de uma ETEC. Houve um ganho no acesso a educação, mas também uma evidente perda no aspecto de lazer para o bairro. O ideal seria as duas demandas serem atendidas. Dentro desta transformação o intuito foi entender as motivações econômicas que determinam as mudanças espaciais e ficou claro que os moradores não possuem muito poder de decisão sobre o seu entorno, o que consideramos algo bem problemático. Tínhamos como objetivo também captar o sentimento dos moradores, principalmente os envolvidos com o campo em relação a sua perda.

Algumas nuances foram aparecendo. É o caso de a resistência pela continuação do campo não ter sido a altura como a que ocorreu em outras ameaças anteriores. O fato de as pessoas ali trabalharem muito e longe de casa faz com que elas não tenham muito tempo de sobra para “lutar”. E mesmo que alguns tenham as outras preocupações com o dinheiro insuficiente, com o aluguel e contas se sobrepõem. Posso considerar isso também um elemento desmobilizador, se for pensar em causas individuais. Essas nuances são importantes para explicar o que se sucedeu, mas não é nosso enfoque

principal, já que tentamos prezar por uma explicação macro das coisas, uma explicação global, que dê conta da dinâmica econômica e social sobre o território.

Muitos campos de várzea, a maioria deles, tem um time proprietário, que cobra aluguel de outros times e usa esse recurso para a manutenção e investimentos para tornar o time competitivo. Na COHAB não existia um time dono, vários times sediados na Cohab eram donos, ou melhor, não tinha dono, era de todos os moradores na prática. Se surgisse um time novo de moradores do bairro, eles teriam direito ao uso mesmo nos horários mais disputados. A organização era centralizada no Tio Zé, mas ele era na verdade um representante de todos, sendo que as decisões se davam por consenso. Conversar com as pessoas e sentir que essas memórias eram ainda muito vivas me deixou satisfeito, mas também pude sentir um pouquinho da lamentação e tristeza sentidas, quando lembravam e falavam sobre.

Vivemos um momento no país de perseguição a corrupção. Isso é benéfico, mas muitas vezes injustiças podem ser cometidas pela ânsia desmedida de acabar com o problema. Ouvi relatos de mais problemas em outros espaços no bairro, mas insisto que nosso objetivo não é a culpabilização de indivíduos. Até gostaria de investigar melhor esses problemas para dar mais detalhes sobre as transformações ocorridas.

Henry Lefebvre escreveu que forças muito poderosas tendem a destruir a cidade, no sentido de perda do jogo, da festa, da comunicação, do encontro. Para ele, uma racionalidade burocrática se impõe sobre o espaço, numa aliança entre Estado e Empresa, que “procuram se apoderar das funções urbanas, assumi-las e assegurá-las ao destruir a forma do urbano”. (LEFEBVRE, 2008, p.99). Tentamos construir nosso trabalho pensando essa perspectiva. Dessa maneira o número de não participantes, de não integrados aumenta. Aumenta o número “daqueles que sobrevivem entre os fragmentos da sociedade possível, excluídos da cidade, as portas do urbano”. A cidade como espaço para o valor de troca é estratégia de classe, e simultaneamente ela será negada para milhares ou milhões de pessoas. Para os excluídos da realidade urbana, vítimas da segregação, um desafio se coloca, como tornar a cidade, o urbano, acessível a eles? Como substituir o valor de troca pela troca, pelos encontros?

BIBLIOGRAFIA

ANTAS JR. Ricardo Mendes. Espaço público de lazer; globalização e instrumentalização do tempo livre na cidade de São Paulo. 1995. Dissertação de mestrado, São Paulo; FFLCH\USP.

CARLOS, Ana Fani Alessandri São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. In: CARLOS, A.F.A.; OLIVEIRA, A.U. (Org.) *Geografias de São Paulo. A metrópole no século XXI*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer, 1974. Editora Perspectiva.

GEORGE, Pierre. Geografia urbana. Editora DIFEL, São Paulo, 1983.

GOMES, Paulo C. da Costa. O silêncio das cidades: os espaços públicos sob ameaça, a democracia em suspensão. In: Revista Cidades. v. 2, n. 4, 2005, p. 249-265.

GUZZO, P. Estudos dos espaços livres de uso público e da cobertura vegetal em área urbana da cidade de Ribeirão Preto – SP. 1999. Dissertação de mestrado, Instituto de Geociências – UNESP-Rio Claro.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*, O jogo como elemento da cultura. 1938. Editora Perspectiva.

LOPO, Rafael Martins. É o fim da várzea? Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. UFRGS, 2008.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Editora UFMG, 2008.

O direito à cidade. Editora Centauro, São Paulo. 2008.

MATOS, Olgária. 1983. "A Cidade e o Tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças." Texto apresentado na 34ª Reunião Anual da SBPC no Simpósio Cidade e Utopia.

ROBIRA, Rosa Tello. Áreas metropolitanas: espaços colonizados. In: CARLOS, A F. A. e CARRERAS, C. (Org.) *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*. São Paulo; Contexto, 2005, p. 9-20.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Cidade pós-moderna. Espaço fragmentado. In: Novos estudos de geografia urbana. (org.) Pedro Vasconcelos. Ed. UFBA, Salvador. 1998.

SANTOS, César Ricardo Simoni. Dos negócios da cidade a cidade como negócio: Uma nova sorte de acumulação primitiva do espaço. In: revista Cidades, v.3, 2006, p. 101-122

SANTOS, Milton, O espaço do cidadão. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

SASSEN, Saskia. A cidade global, Em Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil, Editora Hucitec, São Paulo, 1993

SCHIFNAGEL, Betty. Caracterização geral do futebol de várzea como atividade popular de lazer. Revistas USP, dez 1980. SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Territórios de uso: cotidiano e modo de vida, In: Revista Cidades, v.1, n.2, 2004, p. 181-206

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Os meandros dos rios nos meandros do poder. Tietê e Pinheiros: Valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo. Tese de doutorado. USP. 1987.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Território e lugar na metrópole: revisitando São Paulo. In: *Geografias de São Paulo: a metrópole do século XXI*. V.2, 2004. Editora Contexto.

Sites na internet

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/em-sp-morador-dos-jardins-vive-23-anos-a-mais-do-que-o-do-jardim-angela-aponta-mapa-da-desigualdade.ghtml>

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/4-em-cada-10-criancas-de-ate-6-anos-moram-nos-piores-distritos-de-sp-para-a-primeira-infancia-diz-estudo.ghtml>

<https://maquinadoesporte.uol.com.br/reforma-de-campos-de-varzea-vira-novo-negocio-para-empresas-de-grama-sintetica.ghtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/campos-de-grama-sintetica-mudam-a-cara-do-futebol-de-varzea.ghtml>

<https://www.bbc.com.br/sao-paulo-e-a-cidade-mais-influente-da-america-latina-em-ranking-global.ghtml>

<https://www.esporte.uol.com.br/onde-estao-os-campos-de-futebol-de-varzea-de-sao-paulo-infograficos.ghtml>